ECOSSISTEMAS DE INFORMAÇÃO NA AMAZÔNIA

uma análise crítica do jornalismo local

Projor
Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo

Observatório da Imprensa

iCS
instituto CLIMA e SOCIEDADE

Francisco Rolfsen Belda, Gabriela Erbetta e Pedro Varoni (Coord.)

ECOSSISTEMAS DE INFORMAÇÃO NA AMAZÔNIA

uma análise crítica do jornalismo local

REALIZAÇÃO

Projor
Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo

Observatório da Imprensa

APOIO

iCS
instituto CLIMA e SOCIEDADE

Francisco Rolfsen Belda, Gabriela Erbetta e Pedro Varoni (Coord.)

ECOSSISTEMAS DE INFORMAÇÃO NA AMAZÔNIA

uma análise crítica do jornalismo local

São Paulo
Editora Casa da Árvore
2021

FICHA TÉCNICA

Realização: Projor - Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo, Observatório da Imprensa

Apoio: iCS - Instituto Clima e Sociedade

Coordenação: Francisco Rolfsen Belda, Gabriela Erbetta e Pedro Varoni

Edição: Gabriela Erbetta

Textos: Gabriela Erbetta, Izabela Cecilia Machado, Jéssica Botelho e Thallys Braga

Pesquisa: Bárbara Morelli Moro, Izabela Cecilia Machado, Pedro Varoni, Thallys Braga e Vitória dos Santos

Infografia e diagramação: Bárbara Morelli Moro

Pesquisa de imagens: Bárbara Morelli Moro e Vitória dos Santos

Revisão: Daniela Zigante e Suzana Amyuni

Projeto gráfico: Editora Casa da Árvore

Francisco Rolfsen Belda, Gabriela Erbetta e Pedro Varoni
(Coord.)
Ecossistemas de Informação na Amazônia: uma análise crítica do jornalismo local
Editora Casa da Árvore, 2021.
51 p. : il.
I. Título

CDD - 655
CDU - 070

ISBN: 978-65-89015-02-4

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO 05
Metodologia 05
Jornalismo de soluções 07
2. ACRE 08
Rio Branco 08
Fábio Pontes: “A interdição do debate ambiental sempre se dá pelo motivo econômico” 10
Cruzeiro do Sul 13
Sena Madureira 15
3. AMAZONAS 16
Manaus 17
Pingue-pongue: Midiã Viana, D24am 18
Pingue-pongue: Lemmos Ribeiro, Portal Amazônia 20
Coari: sem cobertura noticiosa própria 21
Itacoatiara 22
Manacapuru 22
Parintins 23
A exceção 24
4. PARÁ 26
Belém 27
Altamira 29
Ananindeua 30
Marabá 31
Pingue-pongue: Ulisses Pompeu, Correio de Carajás 32
Parauapebas 33
Santarém 34
Pingue-pongue: Edmundo Baía Júnior, O Impacto 35
5. RORAIMA 37
Boa Vista 37
Pingue-pongue: Raimundo Weber, prefeitura de Boa Vista 38
Pingue-pongue: Vanessa Vieira, Correio do Lavrado 39
Pingue-pongue: Rubens Medeiros, diretor-executivo do Roraima 1 43
Rorainópolis 44
Conselho Indígena de Roraima 44
6. UM TEXTO (QUASE) AUTOBIOGRÁFICO SOBRE JORNALISMO NA AMAZÔNIA 46
7. CONCLUSÕES 50

APRESENTAÇÃO

Produzido com o apoio do Instituto Clima e Sociedade (iCS), o projeto Ecossistemas de Informação da Amazônia buscou identificar como a população de cidades estratégicas da Amazônia Legal se informa acerca dos temas relacionados ao meio ambiente e às mudanças climáticas. Maior região territorial brasileira, com importância crítica nas negociações globais relacionadas às mudanças climáticas, o Norte do Brasil exibe uma série de desafios relacionados à imprensa local. Em sua edição de 2020, o Atlas da Notícia — iniciativa do Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo (Projor) em parceria com o Volt Data Lab — indicou, na região, a existência de 314 desertos de notícia, municípios que não possuem presença de veículos jornalísticos. E atestou: "A desertificação da Amazônia se dá também pela insuficiência e fragilidade da imprensa local cobrindo a agenda ambiental". Também o Norte, segundo pesquisa realizada em dezembro de 2020 pelo PoderData, divisão de estudos estatísticos do jornal digital Portal360, foi a região do país que apresentou maior queda de confiança na imprensa. "Lá, são 43% que a consideram pouco ou nada confiável", diz o estudo.

Para saber que tipo de conteúdo jornalístico sobre meio ambiente essa população está consumindo, o projeto Ecossistemas de Informações da Amazônia fez um levantamento e uma análise de textos publicados pelos veículos de comunicação existentes em dezesseis cidades estratégicas da Amazônia Legal. O recorte territorial escolhido compreendeu os municípios de Rio Branco, Cruzeiro do Sul e Sena Madureira (Acre); Manaus, Parintins, Itacoatiara, Manacapuru e Coari (Amazonas); Belém, Ananindeua, Santarém, Marabá, Parauapebas e Altamira (Pará); Rorainópolis e Boa Vista (Roraima).

Para avaliar que imprensa é essa, que tipo de conteúdo produz e como ela tem coberto temas relativos ao meio ambiente e às mudanças climáticas, a pesquisa avaliou a veiculação de conteúdo na forma de reportagens, artigos de opinião e editoriais durante o ano de 2020. De maneira resumida, o trabalho se pautou pelos seguintes protocolos:

a) preenchimento de formulário com informações detalhadas sobre os veículos, para a obtenção de um banco de dados sobre jornalismo local nas cidades pesquisadas;

b) análise de amostras da produção jornalística desses veículos para verificar as formas de tratamento dos temas relacionados a meio ambiente e mudanças climáticas;

c) realização de entrevistas com professores e jornalistas de cada estado, de modo a contextualizar as informações e ajudar a consolidar os dados levantados.

A análise qualitativa não compreendeu a totalidade dos títulos identificados nos formulários. Procuramos nos ater aos de maior relevância em termos de veiculação e impacto em cada cidade. A escolha foi norteada por pesquisas digitais, complementada pelas entrevistas com professores e jornalistas de cada estado, e os veículos escolhidos tiveram uma análise mais detalhada a partir da seleção de amostras de conteúdo, orientadas por palavras-chave.

METODOLOGIA

Nosso ponto de partida operacional foi o projeto Atlas da Notícia, levantamento de dados para conhecer o jornalismo local no Brasil. Dentro dos segmentos territoriais específicos, atualizamos a relação de títulos existente com a inclusão de veículos não contemplados e a eliminação dos que não existiam mais. Assim como o Atlas, constatamos o crescimento de sites e blogs como principais fontes de informação na região Norte. Ainda que, ali, persistam problemas de acesso e infraestrutura de internet, veículos categorizados no segmento online seguem entre os principais.

A terceira edição do Atlas, em 2019, mapeou 814 veículos em sete estados da região Norte e em quatro segmentos — rádio, TV, impresso e online. A quarta edição, divulgada no início de fevereiro de 2021, chegou a 960 veículos e trouxe um dado alarmante: 314 dos 450 municípios nortistas não possuem nenhum meio de comunicação jornalístico mapeado no Atlas. E atestou: "Na versão anterior da

pesquisa, a região Norte, com uma proporção de 71,8%, perdia apenas para o Nordeste, com 73,5%, em relação à quantidade de desertos de notícia. Nesta quarta edição, o Norte superou o Nordeste, passando a ocupar o primeiro lugar com uma proporção de 69,8% dos municípios sem cobertura jornalística, enquanto o Nordeste registrou uma proporção de 66,3%. Norte e Nordeste amargam números que refletem a desigualdade social em comparação a outras regiões do país. Reivindicação de longa data, ambas regiões reclamam visibilidade para a imprensa local e para suas pautas na cobertura de veículos nacionais."

Para saber se os títulos analisados seguem protocolos jornalísticos, procuramos nos orientar pelas mínimas recomendações propostas pelo projeto Credibilidade, desenvolvido pelo Projor em parceria com a Unesp, com apoio institucional da Abraji (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo). Entre os indicadores de credibilidade estão, por exemplo, a necessidade de identificar os jornalistas que produziram cada matéria, a transparência em relação à propriedade do veículo e a seus meios de financiamento, a indicação do que é conteúdo patrocinado e a independência de interesses comerciais e políticos. São padrões de difícil aplicação, mesmo considerando regiões de maior desenvolvimento econômico, como o Sudeste. Assim, não buscamos rotular os veículos pesquisados, conferindo a eles um selo de boas práticas, mas considerar se as amostras selecionadas seguem protocolos jornalísticos. Elas são representativas do modo de funcionamento do veículo, mas não permitem uma generalização. Devemos também considerar o recorte temporal: toda pesquisa reflete um momento. Priorizamos a análise de reportagens, artigos de opinião e editoriais do ano de 2020, um período em que a atenção se voltou à Amazônia tanto em função da pandemia da covid-19 quanto pela importância estratégica da biodiversidade amazônica.

É preciso também considerar, nesse contexto, as diretrizes do governo brasileiro, que oscilaram entre o negacionismo (a negação da evidência científica em relação ao avanço do desmatamento e das queimadas) e o tom servil aos interesses de um modelo econômico extrativista que dominou os discursos e as práticas do período. Esse contexto permeia as análises. Ainda que a análise da política ambiental brasileira fuja aos objetivos deste trabalho, percebemos a forma como ela está presente no conteúdo do jornalismo local na Amazônia Legal, seja na publicação regular de conteúdo do estafe governamental, seja na reprodução de argumentos que procuram contrapor desenvolvimento econômico e produção de riqueza à preservação ambiental.

Consideramos necessário relacionar algumas palavras-chave associadas aos temas de meio ambiente e mudanças climáticas para orientar as buscas de amostras. A seleção considerou as relações de poder em torno dos temas porque sugerem práticas comuns na região que se relacionam de modo transversal com a temática analisada. A partir de uma primeira observação das amostras pesquisadas e das entrevistas, as seguintes palavras e termos foram escolhidos:

- agricultura familiar
- agronegócio
- Amazônia em chamas
- apreensão de madeira
- ativismo
- biodiversidade
- comunicação comunitária
- comunidades quilombolas
- conflitos de terra
- desmatamento
- economia da madeira
- energia limpa e renovável
- floresta amazônica
- focos de incêndio
- Fundo Amazônia
- garimpos
- grileiros
- incêndios
- mudanças climáticas
- populações ribeirinhas
- povos da floresta
- povos indígenas
- questão agrária
- reserva extrativista
- usinas hidrelétricas

A pesquisa de palavras-chave, considerando o ano de 2020, permitiu que fossem recolhidas amostras dos veículos mais relevantes de cada estado nos diferentes tipos de mídia. Elas forneceram a matéria-prima de uma análise que buscou identificar as formas de tratamento ou silenciamento dos temas da pesquisa — os resultados estão apresentados nos capítulos 2, 3, 4 e 5, referentes aos estados de Acre, Amazonas, Pará e Roraima. Buscamos, na análise, um tom mais descritivo, seguindo, também nesse sentido, os protocolos de uma reportagem jornalística feita à distância, valendo-nos das possibilidades dos recursos digitais tanto na busca de dados quanto na realização de longas entrevistas de contextualização. Feitas via internet, as entrevistas constituíram importantes espaços para dar voz a quem de fato vivencia o contexto

jornalístico local e permitiu a correção de rumos e o entendimento das especificidades de cada contexto, buscando atenuar também os efeitos de um trabalho feito à distância em função da pandemia do novo coronavírus.

JORNALISMO DE SOLUÇÕES

A coleta de dados, a apuração de informações e o formato narrativo seguem protocolos jornalísticos, num procedimento embasado no chamado jornalismo de soluções. Priscila Pacheco, num texto explicativo sobre essa nova tendência do jornalismo, o classifica como uma prática jornalística criteriosa, baseada nas evidências das respostas a problemas sociais. É uma atividade que não se enquadra no dia a dia, na medida que exige uma pesquisa mais detalhada, tanto do ponto de vista quantitativo quanto qualitativo. O resultado, no nosso caso, se aproxima de uma metarreportagem sobre o jornalismo nessa região da Amazônia, relacionada às temáticas ambientais e procurando levantar como a população local se informa.

O trabalho empreendido enquadra-se, assim, no jornalismo de soluções, pois está direcionado à resposta de questões pré-definidas, resulta de uma investigação mais aprofundada em relação ao dia a dia e de uma metodologia que considera aspectos quantitativos e qualitativos. É possível, ainda, circunscrever o resultado do trabalho no campo amplo da etnografia digital, uma vez que o entendimento de como a população local se informa a respeito dos temas estratégicos de mudanças climáticas e desmatamento se relaciona com aspectos culturais, sociais e antropológicos.

Palavras-chave mais citadas na amostragem da pesquisa: povos indígenas (471 menções), garimpo (432) e desmatamento (396)

Palavras-chave menos citadas na amostragem da pesquisa: energia limpa e renovável (21 menções), Amazônia em chamas (26) e questão agrária (16)

ACRE

Considerando jornais impressos, portais online, emissoras de rádio e de televisão, a pesquisa do **Observatório da Imprensa** para o projeto **Ecossistemas de Informação da Amazônia** identificou os seguintes veículos nos municípios de Rio Branco, Cruzeiro do Sul e Sena Madureira:

RIO BRANCO
- AC24Horas
- ACJornal
- agazeta.net
- Blog do Fabio Pontes
- Contilnet
- Ecos da Notícia
- Folha do Acre
- A Gazeta do Acre
- Jornal A Tribuna
- Jornal Opinião
- Notícias da Hora
- Página 20
- Rádio Aldeia FM
- Rádio Cidade 107.1 FM
- Rede Amazônica
- O Rio Branco
- TV Gazeta AC
- TV Rio Branco

CRUZEIRO DO SUL
- Juruá Em Tempo
- Juruá Online
- Portal do Juruá
- Rádio Verdes Florestas 95.7
- TV Juruá
- Voz do Norte

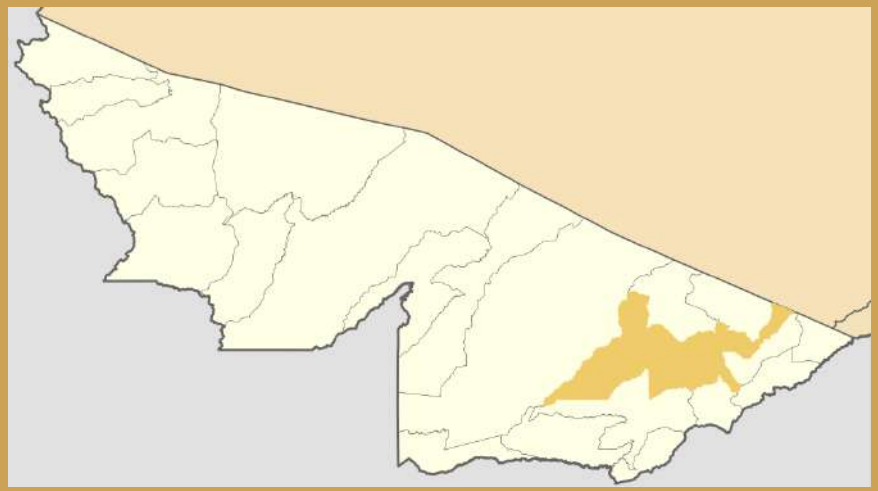
SENA MADUREIRA
- Acre Online

Para a análise de amostras da produção jornalística, foram selecionados os veículos mais relevantes em diferentes tipos de mídia (impressa, digital, rádio e TV), levando em conta também a presença e o alcance de cada título nas redes sociais. A pesquisa foi feita com base em 26 palavras-chave, considerando o ano de 2020.

RIO BRANCO

Dentre os estados contemplados pelo projeto **Ecossistemas de Informação da Amazônia**, o Acre foi o terceiro com a maior alta de desmatamento acumulado entre 2010 e 2020, segundo dados do portal Amazônia Legal em Dados — com 1.109 hectares de área desmatada, perde para o Amazonas (2.596 hectares) e o Pará (9.032 hectares), mas fica à frente de Roraima (586 hectares). A evolução desses números foi registrada com frequência pelos veículos de comunicação do estado, ainda que limitando-se apenas às informações oficiais, como dados divulgados pelo Imazon (Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia).

Na capital — assim como acontece com os títulos jornalísticos identificados em Cruzeiro do Sul e Sena Madureira —, prevalece a prática de reproduzir matérias de outros veículos ou de órgãos oficiais, como a Secretaria de Comunicação do estado e a Assessoria



Rio Branco (AC) (Ilustração adaptada: Allice Hunter/Wikimedia Commons).

Comunicação da prefeitura. Uma exceção é o Blog do Fábio Pontes, com textos e reportagens assinados pelo jornalista acreano, colaborador de publicações como Amazônia Real, *Folha de S.Paulo*, *piauí*, *Veja* e *Valor Econômico*.

Rio Branco sedia, também, as principais emissoras de rádio e TV do estado. Com cardápio musical e de entretenimento, a Rádio Cidade 107.1 FM produz dois programas jornalísticos fixos: o *Jornal das 7*, das 7h às 8h, e o *Jornal das 12h*, das 12h às 13h, com notícias da região. Outros municípios do estado são atendidos por subsidiárias da emissora em Feijó, Tarauacá, Sena Madureira, Epitaciolândia, Cruzeiro do Sul e Porto Walter.

Programas locais também aparecem nas afiliadas das principais empresas de TV do país. Retransmissora da Record, a TV Gazeta comparece com *Balanço Geral AC*, *Gazeta Alerta*, *Gazeta Entrevista*, *Gazeta em Manchete* e *Geração Gazeta*. Na Rede Amazônica, antiga TV Acre, afiliada da Globo, a grade contempla o *Bom Dia Acre* e os *Jornal do Acre* 1ª e 2ª edição. *Bom Dia Rio Branco*, *RB Notícias*, *Tribuna Livre* e *Programa da Jô* são as contribuições locais da TV Rio Branco, retransmissora do SBT.

AC24H

O **AC24H** publica diariamente um grande número de textos — e foram encontradas dezenas de respostas para a maioria dos termos pesquisados neste projeto. Entretanto, poucas vezes as discussões relacionadas ao meio ambiente ganham profundidade. As notícias são curtas e, muitas vezes, reproduzem informações de assessorias de imprensa, sem que haja reportagens ou entrevistas com especialistas nos temas.

Vez ou outra, o posicionamento do veículo em determinadas discussões parece explícito. É o caso das citações ao crime de grilagem, quando o AC24H chama atenção para a responsabilidade do governo federal ("Os geoglifos e o xerém", 11/8; "Quase 30 mil pessoas estão envolvidas em 88 áreas de conflito agrário no Acre", 27/9). O site também se mostra empenhado em relatar ações de apreensão de madeira ilegal: em 2020, foram publicadas diversas notícias sobre o assunto, a maioria baseada em informações das polícias rodoviária e militar locais. Em "Caminhão com madeira ilegal é apreendido pela polícia em Cruzeiro do Sul" (20/2), por exemplo, o termo "crimes ambientais" foi utilizado para qualificar o transporte ilegal da mercadoria.

Os dez textos encontrados com o termo "incêndio", curtos e sem tratar das causas e consequências das queimadas no Acre, não oferecem informações sobre as consequências do fogo para a saúde e a economia das comunidades locais. "Dois incêndios são registrados em área urbana de Xapuri no intervalo de quatro horas" (26/8) traz o números de focos de queimadas e "Governo federal reconhece situação de emergência no Acre devido a incêndios florestais" (29/9) registra a comunicação oficial em relação ao assunto. O padrão de reproduzir declarações e números foi identificado, ainda, nos temas "mudanças climáticas" e "lixo", ambos integrantes da pesquisa do projeto **Ecossistemas de Informação da Amazônia**.

Também cabe destacar o empenho de veículo em manter atualizados os números relativos ao desmatamento no estado, com atualizações quase mensais ("Desmate cresce 200% em abril deste ano no Acre", 18/5; "Desmate cresceu 7% no mês de junho no Acre, aponta Imazon", 19/7; "Em julho, Acre desmatou mais que o Mato Grosso, diz Imazon", 10/8).

Grupos minoritários, nesta pesquisa representados por "comunidades indígenas" e "quilombolas", não ganham destaque no AC24H: os termos só aparecem quando são citados em discursos de autoridades. O padrão se repete em relação a "comunidades ribeirinhas" — a exceção foi o texto "Sem piracema, pescadores importam mandi de Boca do Acre e quilo chega a R$ 20" (8/10), sobre o prejuízo causado a essa população pela falta de pescados.

O termo "agronegócio" aparece com viés simpático em muitas notícias, sem que sejam exploradas as contradições da atividade ou colocadas opiniões contrárias às técnicas utilizadas. Em "Acre estuda regra de licenciamento para facilitar agronegócio" (16/9), por exemplo, o jornal noticia uma reunião para estudar mudanças nas normas de licenciamento ambiental para "minimizar a burocracia e garantir mais celeridade aos processos de produtores que querem investir no agronegócio e pecuária".

AGAZETA.NET

Surgido em 2009, o portal **agazeta.net** é o canal de notícias online da TV Gazeta, afiliada da rede Record no Acre. Com editorias específicas para tratar de polícia, política, cotidiano, esporte e entretenimento, publica textos sobre meio ambiente e mudanças climáticas apenas de maneira esporádica e factual, muitas vezes atrelados a operações policiais ("PF investiga desvio de recursos da Resex Chico Mendes", 3/3; "PF prende oito pessoas durante Operação Amazônia Legal", 14/5).

Não foram encontradas notícias sobre quilombolas e populações ribeirinhas. Povos indígenas aparecem citados em notas como "Ufac abre edital para mestrado de Humanidades e Linguagens" (8/10) e "Batalhão Ambiental auxilia TRE nas comunidades indígenas do Acre" (15/11).

FÁBIO PONTES: "A INTERDIÇÃO DO DEBATE AMBIENTAL SEMPRE SE DÁ PELO MOTIVO ECONÔMICO"

Em conversa com a equipe do projeto **Ecossistemas de Informação da Amazônia**, o jornalista acreano Fábio Pontes, autor do **Blog do Fábio Pontes**, deu seu depoimento sobre o trabalho que faz cobrindo temas relacionados a meio ambiente, imigração e indígenas para seu próprio veículo e títulos como Amazônia Real, *Folha de S.Paulo*, *piauí*, *Veja* e *Valor Econômico*.

"Em se tratando da questão ambiental, o trabalho de repórteres locais, da cobertura, é zero. Quando sai alguma coisa, o gancho está atrelado à mídia nacional, com taxa de desmatamento, de queimadas, mas não existe aprofundamento de investigação local. A imprensa não tem interesse em tratar essa questão - o tema dominante, aqui, é a cobertura política.

O governo, que é o principal financiador da mídia, está voltado para o agronegócio. Portanto, quem define a pauta local é o governo de plantão, o grande financiador de anúncios. Procuro manter minha independência, não me influenciar por grupos políticos. Sou a única voz que coloca pra fora os problemas sociais e ambientais que existem aqui. O restante dos jornalistas tem medo de se expor.

Saímos de vinte anos de um governo mais conservador do ponto de vista ambiental, de proteção da floresta, para outro com discurso do agronegócio. Foi uma ruptura muito forte e muito rápida, estamos vendo as consequências. O Acre tem níveis recordes de desmatamento e queimadas. A política ambiental só não foi completamente abandonada porque ainda dá dinheiro. É um estado muito pobre que depende muito do governo federal e de empréstimos, financiamentos que vêm de fora em troca de preservar a floresta. Mas o governo estadual não aplica o dinheiro como deveria, nas comunidades de base, rurais. A Reserva Chico Mendes é o melhor exemplo da falência, do desmonte da política ambiental, tanto estadual como federal. Antes, tinha um exemplo de extrativismo de borracha e castanha. Sem a política de fomento, mais e mais famílias foram abandonando isso e colocando bois dentro da reserva.

Muitas redações, no Acre, diminuíram de tamanho e, hoje, publicam releases na íntegra. sem mudar uma vírgula. Até os erros elas repetem.

Acredito que a população local não demonstra interesse por temas relacionados ao meio ambiente e às mudanças climáticas porque não existe cobertura da imprensa local. O que se vê sobre desmatamento é o que sai no Jornal Nacional, *na Band. Mesmo os telejornais locais só dão as notícias para repercutir o que foi feito nacionalmente - quando sai matéria no* Fantástico, *por exemplo."*

Dentre os termos pesquisados pelo **Observatório da Imprensa** nos veículos de comunicação no estado, o que obteve maior destaque em agazeta.net foi "focos de incêndio", com seis menções ao longo de 2020. Dois exemplos: "Acre é o quarto estado em focos de incêndio durante agosto" (1/9) e "Acre registra alta de queimadas e Estado assina decreto ambiental" (8/10).

CONTILNET

Nem todas as matérias postadas diariamente pelo portal Contilnet são escritas pelos jornalistas do site — a pesquisa do **Observatório da Imprensa** identificou que muitas publicações sobre temas relacionados ao meio ambiente são reproduzidas de outros veículos e órgãos do governo. Um exemplo é o termo "mudanças climáticas", que aparece em textos de *O Globo* ("Animais do cerrado podem tomar lugar de fauna florestal em Amazônia degradada", 22/10; "Biden diz que EUA estão de volta e prontos para liderar o mundo", 24/11), Notícias ao Minuto ("USP lança guia verde para ciência pautar candidatos", 13/10; "País não está preparado para incêndios, diz secretário de MS", 16/10); Secom ("Órgãos públicos do estado passam por desinfecção para combater o coronavírus", 4/11) e Ascom ("Prefeitura de Rio Branco apresenta primeiro Inventário de Dados de Gases de Efeito Estufa", 3/1).

O padrão também pode ser observado na cobertura do desmatamento e dos incêndios na Amazônia e no Pantanal, com poucas matérias autorais. "Desmatamento na Amazônia volta a subir e cresce 50% em outubro" (7/11) é do *Correio Braziliense*; "Fogo descontrolado na Amazônia assusta pesquisadores e comunidade" (11/9) veio do programa *Terra da Gente*. Em meio a outras reproduções de Estadão, Metrópole e *O Globo*, a pesquisa identificou apenas um texto assinado por profissional do Contilnet: "'Desmatamento para nós é sinônimo de progresso', diz pecuarista do Acre" (12/4), que repercute declarações de Assuero Doca Veronez, presidente da Federação de Agricultura e Pecuária do Acre, ao site da Associação O Eco, ONG com sede no Rio de Janeiro.

Por outro lado, quando o tema são conflitos de terra e grileiros, o portal mais escreve do que reproduz, ainda que geralmente utilize o viés policial. Foi o caso em "Homem mata irmão com várias facadas durante briga por divisão de terra em Feijó" (28/4), "PF deflagra operação e prende 8 pessoas em flagrante por crime ambiental no Antimay" (14/5) e "Mais um peão é baleado em uma fazenda na divisa do Acre com o Amazonas" (16/10). Também partiram da equipe do Contilnet os dois posts que citam populações ribeirinhas ("Vídeo: jacaré morto flutua no leito do rio Iaco e chama atenção de ribeirinhos", 4/1; "Vídeo mostra cobra de 5 metros capturada em malhadeira no rio Caeté", 26/5) e um dos poucos a respeito de povos indígenas ("Líderes indígenas do Acre repudiam nomeação de missionário para cuidar de isolados", 5/2).

Sobre agricultura familiar, por fim, são publicadas informações oficiais divulgadas pela Secretaria de Comunicação estadual ("Fortalecimento da agricultura familiar conta com mais de R$ 24 milhões em programas de compras", 28/2; "Governo lança programa de compra direta com R$ 7,5 milhões para produtores da agricultura familiar", 1/7).

Com exceção do Blog do Fábio Pontes, todos os veículos identificados nesta pesquisa possuem conta no **Facebook**. Em 2020, os títulos com mais seguidores eram o AC24Horas (180 mil curtidas), o Ecos da Notícia (133 mil curtidas) e o Contilnet (51 mil curtidas). Instagram, Twitter e YouTube, nesta ordem, são as outras redes sociais mais utilizadas.

* A contagem não incluiu a Rede Amazônica, pois as redes sociais da empresa englobam outros estados da região Norte.

FOLHA DO ACRE

À semelhança de outros títulos do estado, o jornal digital **Folha do Acre** vale-se principalmente de releases e reproduções de matérias feitas por outros veículos para noticiar temas relacionados ao meio ambiente e às mudanças climáticas. Mesmo quando assinados pela redação, os textos muitas vezes limitam-se a citar dados oficiais, sem ouvir qualquer tipo de fonte — sobre desmatamento e apreensão de madeira, são exemplos "PRF apreende caminhões com madeira irregular, espingarda e recupera veículo no Acre" (17/6), "Dia da Amazônia é marcado por missões contra crimes ambientais no Acre" (7/9) e "Polícia Federal prende 3 pessoas por crime de desmatamento ilegal no Acre" (11/12).

Políticas do governo estadual de Gladson Cameli (PP) ganham destaque em textos sobre agronegócios e agricultura familiar, como "Governo, produtores rurais e órgãos ambientais alinham ações de fortalecimento do agronegócio" (19/9), "Gladson vistoria obras e anuncia mais investimentos para Acrelândia" (12/11) e "Gladson e Bocalom garantem parceria para o fortalecimento do agronegócio" (20/12). Assinados como "Assessoria", foram produzidos pela Secretaria de Comunicação do estado. Também sobre povos indígenas e populações ribeirinhas, as matérias publicadas pela Folha do Acre reproduzem informações de G1 ("Povo Ashaninka adota isolamento rígido há 9 meses e é o único do Acre sem registro de casos de Covid-19", 22/12), *Estadão* ("Filha de Chico Mendes e indígena anunciam aliança contra 'retrocessos' de Bolsonaro", 16/1) e da Assessoria de Comunicação da prefeitura de Rio Branco ("Prefeitura de Rio Branco leva ações de saúde aos ribeirinhos do Riozinho do Rôla", 10/3).

A GAZETA DO ACRE

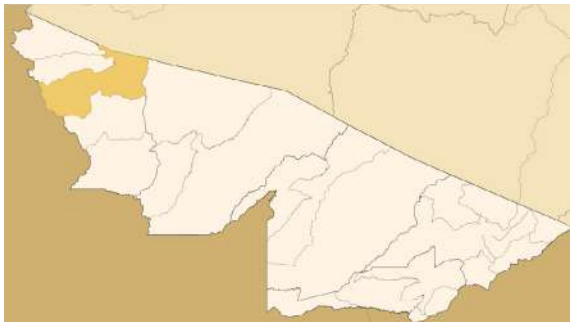
Fundada em 1985 pelos jornalistas Silvio Martinello e Elson Martins, ***A Gazeta do Acre*** é um dos títulos mais tradicionais do estado. Com a saída de Martins da sociedade, os filhos de Martinello, hoje, comandam o jornal nas versões impressa e online: Tiago, diretor-geral, Paula, editora-chefe, e Larissa, diretora comercial.

Embora não dedique nenhuma editoria específica para a cobertura de meio ambiente e mudanças climáticas, temas relacionados aos dois assuntos apareceram com certa frequência em duas colunas de opinião: as de Evandro Ferreira, engenheiro agrônomo e pesquisador do Inpa (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia) e do Parque Zoobotânico da Universidade Federal do Acre, e de Irving Foster Brown, pesquisador da organização americana Woodwell Climate Research Center e professor da Universidade Federal do Acre. Foi o caso de "Nem a pandemia de coronavírus freia a destruição da floresta amazônica" (19/5), assinado pelo primeiro, e "Além de começar com A, o que Austrália e Amazônia têm em comum? Fogo, fumaça e perda da biodiversidade" (28/1), de autoria do segundo. Em outro artigo ("Os indígenas brasileiros pedem socorro" , 28/9), a jornalista Beth Passos afirma que o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, aprovou "a extinção de regras ambientais que protegem as restingas e manguezais" e comenta que as terras indígenas são constantemente invadidas por grileiros da região.

Na cobertura do dia a dia, contudo, os temas aparecem de maneira difusa, geralmente em textos de terceiros, como "Força-Tarefa Amazônia apresenta balanço de dois anos de atuação no combate ao crime na região" (4/9, da assessoria do Ministério Público Federal do Acre) e "Desmatamento e criação de gado são os maiores emissores de CO^2 em Rio Branco" (4/1, do AC24Horas). Dentre as palavras-chave pesquisadas para o projeto **Ecossistemas de Informação da Amazônia**, as que mais se destacaram entre as publicações do jornal em 2020 foram desmatamento ("Desmatamento da Amazônia vai causar impactos irreversíveis para a economia", 17/10) e grileiros ("Comunidades rurais da Reserva Chico Mendes apoiam projeto da deputada Mara Rocha", 8/7), com sete referências cada. A maior parte dos textos, porém, é reproduzida de releases ou outros veículos.

CRUZEIRO DO SUL

Dos seis veículos de comunicação identificados em Cruzeiro do Sul, segunda maior cidade do estado, quatro existem exclusivamente como portais de internet — os outros são a Rádio Verdes Florestas, mantida pela Diocese de Cruzeiro do Sul, com dois programas jornalísticos na programação diária, e a TV Juruá, retransmissora local do SBT.



Cruzeiro do Sul (AC) (Ilustração adaptada: Raphael Lorenzeto de Abreu/Wikimedia Commons)

O JURUÁ EM TEMPO

Portal de maior alcance nas redes sociais em Cruzeiro do Sul, com mais de 40 mil curtidas no Facebook e 21 mil seguidores no Instagram (em dezembro de 2020), **O Juruá em Tempo** apresenta pouco conteúdo sobre meio ambiente produzido pela própria redação. Quando trata do assunto, geralmente utiliza textos de Folhapress, *O Estado de S.Paulo*, G1, Agência Brasil e outros veículos do próprio estado. Curiosamente, às vezes o crédito aparece, às vezes não. São exemplos três matérias sobre a apreensão de madeira: "Alemanha e França compraram madeira ilegal do Brasil, indicam ações da PF" (17/11), "3 entre 10 madeireiras investigadas da Amazônia transportaram toras dentro do país em 2020" (8/12), ambas da Folhapress, e "PRF apreende 3 caminhões com madeira irregular, uma espingarda e um veículo no AC" (17/6), que altera poucas coisas de uma reportagem publicada pelo G1.

Ocorrências de desmatamento e de queimadas são acompanhadas, no site, por meio de textos como "Acre tem aumento de 160% em focos de queimadas urbanas só no mês julho" (5/8), "Alertas de desmatamento na Amazônia em outubro são os mais altos para o mês na série histórica, apontam dados do Inpe" (13/11) e "Em outubro, Acre contribuiu com 9% na devastação da Amazônia" (21/11).

Verifica-se, também, um grande número de matérias que enfocam ações governamentais quando os temas são indígenas, povos da floresta, mudanças climáticas e preservação ambiental, a exemplo de "Em Manaus, Gladson pede a Bolsonaro e a Paulo Guedes mudanças no modelo de preservação ambiental na Amazônia" (25/7), "Agenda ambiental marca visita do vice-presidente Hamilton Mourão ao Acre" (22/9) e "Gladson Cameli e líderes indígenas discutem demandas apresentadas ao Estado" (29/10).

Um dos veículos acreanos de maior sucesso nas redes sociais, com mais de 130 mil curtidas no Facebook, é o **Ecos da Notícia**. Lançado em 2007 pela jornalista Lenilda Pereira Cavalcante, ex-repórter da TV Gazeta de Rio Branco, o site prioriza notícias policiais, com matérias sobre assassinatos e operações da PM e da PF, por exemplo. Política, esportes e entretenimento também entram na pauta.

JURUÁ ONLINE

Vinculado à TV Juruá, retransmissora local do SBT, o portal **Juruá Online** dá preferência a textos produzidos por outros veículos de comunicação para informar sobre temas relacionados ao meio ambiente e às mudanças climáticas. No caso do desmatamento, por exemplo, há textos factuais reproduzidos do G1 ("Áreas sob alerta de desmatamento na Amazônia batem recorde em janeiro, aponta Inpe") e da revista *Galileu* ("Desmatamento na Amazônia em março cresceu 279% em comparação a 2019"). Ganham enfoque, ainda, notícias sobre as políticas oficiais de combate à prática, como "Força Nacional também combaterá desmatamento e queimadas na Amazônia" e "Governo realiza operação na Floresta Nacional do Antimary para combater invasões e desmatamento ilegal".

Sobre garimpo e apreensão de madeira, a maior parte das matérias relata operações policiais: "PF combate fraudes em sistema de controle e exploração de madeira", "Contra garimpo ilegal, Polícia Federal deflagra Operação Rêmora", "Polícia Federal usa monitoramento remoto para combater garimpo ilegal".

O impulsionamento do agronegócio também recebeu destaque em textos como "CNA prevê aumento da produção do agronegócio no próximo ano", "Fábrica de ração no Acre contempla projeto de desenvolvimento do agronegócio" e "Programa de recuperação de fertilidade dos solos acreanos é desenvolvido pela Sepa".

Fato curioso: reportagens feitas pelo Juruá Online sobre a importância da preservação da biodiversidade, como "A rica natureza do vale do Juruá no Dia da Amazônia" e "5 de junho — Dia Mundial do Meio Ambiente e o alerta para as queimadas urbanas", não permanecem publicadas no site.

PORTAL DO JURUÁ

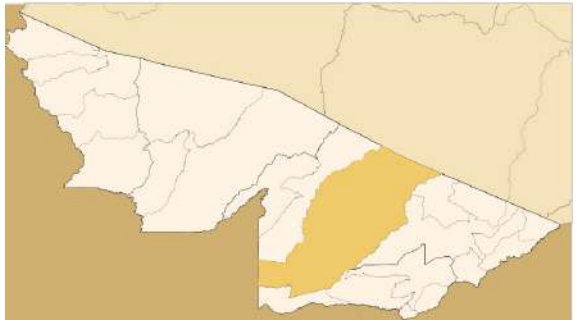
Não é o melhor veículo para acompanhar assuntos relacionados à preservação ambiental na região: ao longo de 2020, o **Portal do Juruá** só fez sete publicações com oito das 26 palavras-chave selecionadas para a pesquisa do projeto **Ecossistemas de Informação da Amazônia**. Ficaram de fora termos importantes, como desmatamento, biodiversidade, conflitos de terra e garimpo.

Um release da Assessoria de Comunicação da Polícia Militar é reproduzido no texto "Em Cruzeiro do Sul, Polícia Militar apreende madeira ilegal, prende dois autores de furto e recupera arma de fogo" (14/10) — dois parágrafos que apenas detalham a ação dos agentes. O padrão se repete na cobertura do descarte irregular de lixo, sem que o problema seja relacionado à degradação ambiental, em "Em estado de abandono, ponto turístico de Cruzeiro do Sul vira ponto de usuários de drogas e acúmulo de lixo" (4/10) e "Descarte irregular de lixo em Cruzeiro do Sul, sacrifica garis e prefeitura acredita que seja de propósito e de cunho político" (2/11).

Sobre os indígenas, apenas a notícia "Governo promete banda larga em todas escolas indígenas e rurais do Acre em 2021" (28/12) e, a respeito da população ribeirinha, somente citações tangenciais em "Irmão José da Cruz: Conheça sua história e alguns contos de quem conviveu com Irmão José no Acre" (8/1) e "Jenilson é o deputado mais produtivo do Acre pelo terceiro ano consecutivo" (31/12). O problema das queimadas, por fim, é abordado de passagem em "Paca é resgatada pelos bombeiros com as quatro patas queimadas durante incêndio em Rio Branco" (21/9).

SENA MADUREIRA

Em Sena Madureira, o terceiro município mais populoso do estado — 46.511 habitantes, segundo estimativa do IBGE para 2020 —, foi identificado apenas um veículo de comunicação: o portal Acre Online, antes chamado de Sena Online.



Sena Madureira (AC) (Ilustração adaptada: Raphael Lorenzeto de Abreu/Wikimedia Commons)

ACRE ONLINE

Até 2020, o **Acre Online** existia com o nome de Sena Online. Na análise do projeto **Ecossistemas de Informação da Amazônia**, foram encontrados conteúdos com cinco das 26 palavras-chaves utilizadas na pesquisa. Populações ribeirinhas e indígenas aparecem citadas de maneira indireta em notícias como "Alan Rick ingressa com representação no MPF para que médicos formados no exterior sejam contratados para atuar no combate ao coronavírus" (30/3) e "No FNDE, Alan Rick e secretário de Educação apresentam novo modelo de escolas indígenas e rurais do Acre" (13/10).

"Governo do Estado lança pacote de R$ 270 milhões em obras de infraestrutura" (3/11) menciona investimentos para revigorar o agronegócio e "Fortalecimento da agricultura familiar conta com mais de R$ 24 milhões" (2/3) cita programas de compras governamentais de alimentos que beneficiariam a agricultura familiar. Um texto sobre queimadas, por fim, convida o leitor a participar ativamente da conservação ambiental de sua região: "Preocupante: 11 ocorrências de incêndios em vegetação foram registradas em Sena em um dia" (26/8).

AMAZONAS

Considerando jornais impressos, portais online, emissoras de rádio e de televisão, a pesquisa do **Observatório da Imprensa** para o projeto **Ecossistemas de Informação da Amazônia** identificou os seguintes veículos nos municípios de Manaus, Parintins, Itacoatiara, Manacapuru e Coari:

COARI
- Coari em Destaque

ITACOATIARA
- Portal Itacoatiara
- Rádio Difusora de Itacoatiara

MANACAPURU
- Notícias@.Com
- Portal Na Hora
- Radio Metropolitana Mix
- Radio Palmeira FM 102,1

MANAUS
- Agência Amazônia Real
- Amazonas1
- Amazonas Atual
- Amazonas Cristão
- Amazonas E Mais
- Amazônia na Rede
- Amazon Sat
- AM Hoje
- Banzeiro News
- Blog da Floresta
- Blog da Rosiene Carvalho
- Blog do Hiellevy
- Blog do Marcell Mota
- Blog do Pedrinho Aguiar
- BNC Amazonas
- Correio Da Amazônia
- D24am
- Fato Amazônico
- Imediato
- Jornal A Crítica
- Jornal Do Commercio
- Jornal Em Tempo
- Jornal Extra
- Jornal Maskate News
- Lr Notícias
- Manaus Alerta
- Manaus Show
- No Amazonas É Assim
- O Amazonense
- Opinião Manauara
- Portal Agora Amazonas
- Portal Amazonas Digital
- Portal Amazonas Factual
- Portal Amazonas News
- Portal Amazônia
- Portal Amazon News
- Portal Am News
- Portal Am Post
- Portal A Notícia Do Amazonas
- Portal do Amazonas
- Portal do Generoso
- Portal do Holanda
- Portal do Jota
- Portal do Lobão
- Portal do Marcos Santos
- Portal dos 3
- Portal do Zacarias
- Portal G1 Amazonas/Rede Amazônica
- Portal Interagindo
- Portal M2 News
- Portal Mazé Mourão
- Portal Mercadizar
- Portal Metropolitano Manaus
- Portal Projeta
- Portal Roteiro Amazônico
- Portal Tucumã
- Portal Uno Mídias
- Portal Zukka Brasill
- Radar Amazônico
- Rádio Alternativa Seis Irmãos
- Rádio Atividade FM
- Rádio CBN Manaus
- Rádio Cidade
- Rádio Comunitária A Voz das Comunidades
- Rádio Diário
- Rádio FM Do Povo
- Rádio FM O Dia - Manaus
- Rádio Rio Mar
- TV A Crítica
- TV Band Amazonas
- TV Tiradentes

PARINTINS
- Alvorada Parintins
- CNA 7
- Jornal da Ilha
- Parintins 24h
- Parintins Amazonas
- Parintins Notícias
- Portal Deamazônia
- Rádio Clube De Parintins Ltda
- Repórter Parintins

Para a análise de amostras da produção jornalística, foram selecionados os veículos mais relevantes em diferentes tipos de mídia (impressa, digital, rádio e TV), levando em conta também a presença e o alcance de cada título nas redes sociais. A pesquisa foi feita com base em 26 palavras-chave, considerando o ano de 2020.

MANAUS

A capital do Amazonas não é apenas a cidade mais populosa do estado, mas também da região Norte e de toda a Amazônia Legal: em 2020, o IBGE estimou a quantidade de habitantes em mais de 2,2 milhões de pessoas. Situada em meio à floresta, na confluência dos rios Negro e Solimões, é sede de diversos organismos dedicados ao estudo do bioma, como o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), de administração federal, e da mais antiga instituição de ensino superior do país com status de universidade, a Federal do Amazonas, instituída em 1909.

Detentor do maior PIB per capita da região Norte, o município movimenta a sexta maior economia do Brasil, concentrada no setor de serviços e da indústria — ali fica a Zona Franca de Manaus, ou Polo Industrial de Manaus, estabelecida por lei em 1967, que reúne cerca de 500 empresas de tecnologia, além dos setores comercial e agropecuário.

A exemplo de Rio Branco, Boa Vista e Belém, as outras capitais de estado incluídas nesta edição do projeto **Ecossistemas de Informação da Amazônia**, Manaus concentra a presença dos veículos de comunicação do Amazonas. Entre jornais impressos e online, rádios, TVs, blogs e portais de internet, foram identificados mais de setenta títulos. É onde estão, por exemplo, os jornais *Em Tempo*, *Diário do Amazonas*, *Maskate News* e *Jornal do Commercio*, além das retransmissoras das principais redes de televisão do país (Rede Amazônica/Globo, TV Norte Amazonas/SBT, Band Amazonas e RecordTV Manaus). A maior parte dos títulos, porém, concentra-se mesmo na internet: são 54 canais, entre blogs e portais de notícias — como o Amazônia Real, único veículo que se dedica à pauta político-ambiental no estado.

Manaus (AM) (Ilustração adaptada: Raphael Lorenzeto de Abreu/Wikimedia Commons)

AMAZÔNIA REAL

Único veículo que se dedica à pauta político-ambiental no estado, o site Amazônia Real é uma agência de jornalismo independente e investigativo criada pelas jornalistas Kátia Brasil e Elaíze Farias em 2013. A redação fica em Manaus, mas a rede de 29 colaboradores que alimentam o portal está distribuída por Boa Vista, Pacaraima, Belém, Cuiabá, Macapá, Porto Velho, Rio Branco e Santarém.

Temas como "meio ambiente", "floresta amazônica", "mudanças climáticas" e "biodiversidade" aparecem transversalmente em quase todas as publicações do veículo. Só no segundo semestre de 2020, por exemplo, a série "O desmatamento da Amazônia brasileira" explorou as diferentes faces da desflorestação em dezoito matérias, tratando do impacto da produção de gado e de soja, o aumento da população e seu efeito na região, a fiscalização e a punição aos crimes ambientais, entre outras. Os textos foram escritos por Philip Martin Fearnside, vencedor do Prêmio Nobel da Paz pelo Painel Intergovernamental para Mudanças Climáticas.

Lúcio Flavio Pinto, veterano jornalista do Pará com reconhecida trajetória de defesa do meio ambiente, assina textos com duras críticas em relação à grilagem e outros esquemas que envolvem as terras da Amazônia, muitas vezes incluindo a política ambiental do atual governo ("A grilagem que dá certo", 17/6; "Bolsonaro ameaça floresta", 19/8; "Os bandidos da floresta", 22/12).

Outro tema frequente no site, o garimpo ilegal é abordado com ênfase em seus impactos ambientais em reportagens que dão voz às vítimas da atividade ("Saúde Yanomami denuncia à PF conflito entre indígenas e garimpeiros em Roraima", 23/6; "PF realiza operação contra garimpo ilegal em terra dos Yanomami", 26/11; "Estudo revela contaminação por mercúrio de 100% dos Munduruku do Rio Tapajós", 26/11).

Além de ter uma editoria exclusiva para "questão agrária", o Amazônia Real publica mensalmente notícias sobre os conflitos agrários em comunidades quilombolas, indígenas e ribeirinhas. Mostra, ainda, os desafios enfrentados e a luta pela sobrevivência de populações que estão à margem do acesso à terra ("Reintegração expulsa à força 14 famílias em Boca do Acre, no sul do Amazonas", 24/2; "'A natureza está secando': quilombo no Marajó vive impactos do arrozal e clima de violência", 6/4; "Subestação de energia entra em funcionamento e ameaça quilombolas em plena pandemia no Pará", 24/12). O impacto do novo coronavírus nos quilombos e entre os indígenas também foi constantemente atualizado ("Pandemia já deixa rastro de destruição nos quilombos da Amazônia", 6/5; "Como a pandemia avançou sobre os indígenas da Amazônia", 28/9).

D24AM

Vinculado ao impresso *Diário do Amazonas*, à Rádio Diário, ao jornal popular *Dez Minutos* e à Record News local, o portal **D24am** faz parte da Rede Diário de Comunicação. Sem editoria específica para tratar de temas relacionados ao meio ambiente e a mudanças climáticas, o site publica, sobretudo, notas com informações ou mesmo o texto inteiro reproduzido de outros jornais, assessorias de órgãos públicos e Agência Brasil — é o caso de "Críticas de Arthur sobre política ambiental repercutem internacionalmente" (17/8), originário da prefeitura de Manaus.

PINGUE-PONGUE: MIDIÃ VIANA, D24AM

A editora responsável pelo portal diz que o maior desafio dos jornalistas é acompanhar uma corrida contra o tempo, apurar e informar com credibilidade.

Quando foi criado o portal?
O site integra o Grupo Diário de Comunicação, fundado em 1985. O portal foi lançado em 1º de junho de 2009.

Quantos jornalistas trabalham na redação?
O grupo conta com mais de vinte jornalistas e quatro estagiários de jornalismo. No portal, somos quatro profissionais e três estagiários.

Como o tema do meio ambiente é tratado no veículo? Existe algum jornalista especializado ou editoria própria? Alguma orientação editorial específica?
O tema tem atenção do grupo, até porque nossa cidade, Manaus, cresceu no meio da floresta e tornou-se a maior capital do Norte do país. Manaus é uma metrópole, um centro urbano gigantesco, com riquezas e problemas. É inevitável falar da cidade sem lembrar de meio ambiente, fauna e flora, e do que isso representa para a sociedade local e para o restante do Brasil. Não temos um jornalista específico na área, nossa equipe é generalista. Recebemos a pauta e direcionamos a algum profissional, identificando o que se mais se encaixa com o perfil desse tipo de cobertura.

Como são abordados temas como mudanças climáticas e desmatamento?
Isso é muito importante, até porque desperta o interesse até de outros países. A Amazônia chama atenção por seu potencial, sua diversidade e sua grandiosidade como bioma. Mudanças climáticas e desmatamento são grandes problemas e podem interferir em outras áreas da realidade local.

Quais são os desafios para a prática do jornalismo local?
São muitos. Como o avanço da tecnologia, do alcance da internet, do poder das redes sociais, tornou-se um desafio enorme filtrar as informações e divulgá-las na mesma velocidade. Nosso grupo dispõe de portal, impresso, rádio e TV, e nossos profissionais se desdobram para atender todos os veículos e o público de cada um. Esse é o profissional que o mercado procura. Nosso maior desafio é acompanhar essa corrida contra o tempo e informar a sociedade com credibilidade e a devida apuração.

Sobre desmatamento, diversos textos destacam a presença e o posicionamento do vice-presidente da República, Hamilton Mourão ("Combate ao desmatamento começou tarde, diz Mourão", 11/7; "Governo federal prorrogará presença das Forças Armadas na Amazônia Legal", 26/10; "Mourão vem ao AM para mudar imagem do país", 4/11). Excepcionalmente, há artigos como "Operações mostram que não é 'pobre' que desmata" (22/1), em que a autora, Paula Litaiff, defende que, ao contrário de uma afirmação do ministro Paulo Guedes, são os milionários os "responsáveis pelos maiores registros de exploração ilegal da floresta".

A atenção dada pelo veículo a populações ribeirinhas, comunidades quilombolas e povos indígenas concentra-se em notícias relacionadas à pandemia da covid-19 e à vacinação ("Frente cobra ações para proteger povos indígenas durante a pandemia", 5/4; "Justiça determina providências para proteção de indígenas e povos tradicionais do AM", 1/6). Em relação a incêndios, o jornal enfatiza as políticas de combate ao fogo, sem informar causas e consequências ambientais provocadas pelas queimadas ("Prefeitura e Exército percorrem áreas urbana e rural em prevenção às queimadas em Manaus", 21/8; "Governo envia Força Nacional para auxiliar no combate aos incêndios", 6/10). O mesmo ocorre com notícias sobre garimpo e apreensão de madeira, que dão preferência a descrever as operações ("Minério: ANM apreende 70 mil toneladas de manganês ilegal em porto no Pará", 22/8; "Batalhão Ambiental faz apreensão de madeira irregular no Rio Negro", 28/9; "Exército apreende comboio com toras de madeira no Pará", 29/12).

O termo "mudanças climáticas", por fim, aparece em textos variados, como "TCE-AM discutiu reflexos da pandemia da covid-19 no desenvolvimento sustentável" (5/6), "Prefeito diz que eleição de Biden nos EUA é vitória da democracia" (9/11) e "ONU prevê que 235 milhões precisem de assistência humanitária em 2021" (1/12).

PORTAL AMAZÔNIA

Lançado em 2001, o **Portal Amazônia** é o veículo online oficial da Fundação Rede Amazônica (FRAM), braço institucional do Grupo Rede Amazônica — que, por sua vez, retransmite a Rede Globo para diversos estados da região Norte. Além de conteúdo elaborado por jornalistas da própria redação, reproduz material de agências oficiais e outros veículos — em 2020, algumas notícias sobre apreensão de madeira, por exemplo, vieram do G1 ("Apreensões de madeira ilegal no AM têm aumento de 91% nos primeiros nove meses do ano", 20/10), da Radioagência Nacional ("No Pará, Polícia Federal faz maior apreensão de madeira da história do país", 22/12) e da Agência Brasil ("Forças Armadas realizam nova apreensão de balsas com toras de madeira no Pará", 29/12). Os textos destacam o sucesso das operações, com detalhes da quantidade de material apreendido, mas o cunho é mais policial do que ambiental.

Das mais de dez citações ao desmatamento em 2020, a maior parte atualiza dados do Inpe e do Imazon ("Abril registra recorde de desmatamento na Amazônia nos últimos dez anos, segundo Imazon", 19/5; "Desmatamento na Amazônia tem queda de 45% em novembro, aponta Inpe", 10/12); outras matérias citam o impacto ambiental do problema ("Em Rondônia, avanço do desmatamento pode fazer macaco-barrigudo desaparecer", 12/6; "Desmatamento e fogo associados às mudanças climáticas podem transformar floresta amazônica em savanas, dizem pesquisadores", 24/9).

Apesar de não publicar textos sobre a relação dos ribeirinhos com o meio ambiente, o portal fez uma extensa cobertura do avanço da covid-19 entre essa população ("Barco-hospital Abaré leva atendimento às famílias ribeirinhas do rio Arapiuns em Santarém", 9/6; "Livro sobre combate ao coronavírus em comunidades ribeirinhas e aldeias indígenas é lançado no Amazonas", 31/12). Os povos indígenas aparecem em matérias com diferentes temas, como covid-19 ("Aplicativo vai atualizar casos de covid-19 entre indígenas na Amazônia", 7/9), presença política ("Representatividade de indígenas cresceu nas eleições de 2020", 19/11) e economia ("Em meio à pandemia, artesanato indígena acreano passará a ser inserido no mercado online", 9/9).

Os impactos ambientais do agronegócio não aparecem nas pautas que o veículo produz ou reproduz. Matérias destacam o papel importante da atividade para a economia ou divulgam

vagas de trabalho no setor ("O agronegócio e o Amazonas", 4/3; "Pará é líder nacional da produção de açaí, dendê, mandioca, abacaxi e cacau, aponta IBGE", 19/10). Sobre agricultura familiar, o foco é noticiar projetos públicos e privados que apoiam pequenos produtores ("Projeto ajuda produtores rurais a regularizarem propriedades de maneira ambientalmente correta", 3/11; "Projeto de incentivo à agricultura familiar e indígena é lançado em Roraima", 12/12).

Meio ambiente, floresta amazônica e biodiversidade são palavras-chave que aparecem transversalmente em dezenas de matérias, principalmente nas que destacam ações de autoridades com um olhar otimista. Conflitos de terra não representam tema de publicações, mas as ações de grileiros são citadas em postagens sobre comunidades indígenas, principalmente no Acre e em Roraima. Vale citar que há textos sobre as ameaças de grileiros para o meio ambiente ("Amazônia vista da Amazônia", 19/10) e como eles provocam o aumento da violência no campo ("Defensores da Amazônia: Angela Mendes e a retomada da Aliança dos Povos da Floresta", 10/9).

Boa parte dos textos sobre reservas extrativistas tratou das invasões de grileiros e madeireiros ("Estudo revela nova onda de garimpos ilegais em áreas protegidas na bacia do Xingu", 6/7; "Justiça determina desocupação de Reserva Extrativista Aquariquara em Rondônia", 9/10). O Fundo Amazônia aparece em publicações que menciona projetos financiados com o dinheiro ("Apuí no Amazonas terá usina para produção de óleos vegetais de café, buriti, andiroba, copaíba e manteigas de cacau e cupuaçu", 20/6; "ONG lança série de encartes sobre manejo florestal sustentável na Amazônia Brasileira", 7/10).

O termo "incêndios", por fim, foi um dos que mais se destacou na pesquisa. O portal fala sobre as ameaças das queimadas para os animais nativos e para as comunidades tradicionais ("Terras Indígenas do Amazonas preservadas há mais de 10 anos aparecem no mapa do desmatamento pela primeira vez", 15/9) e relaciona o aumento do fogo com o desmatamento ("Queimadas em terras indígenas de RO têm alta de 24% de janeiro a setembro na comparação com 2019, revela Inpe", 4/10).

PINGUE-PONGUE: LEMMOS RIBEIRO, PORTAL AMAZÔNIA

Para o editor-chefe do veículo, assuntos como meio ambiente, desmatamento e mudanças climáticas geram grande engajamento nas redes sociais.

Quando o Portal Amazônia foi criado?
Lançado em 5 de julho de 2001, o Portal Amazônia é o veículo institucional do Grupo Rede Amazônica e Fundação Rede Amazônica e está entre as principais referências sobre a região na internet. Trabalhamos com jornalismo especializado em assuntos pertinentes aos estados da Amazônia Legal e Internacional e já vencemos diversos prêmios de jornalismo ambiental e científico.

A proposta sempre foi levar ao internauta notícias e informações de qualidade sobre a região amazônica, fortalecendo seu papel social, ambiental e educacional. O conteúdo é produzido por jornalistas do Grupo Rede Amazônica e especialistas de diversos segmentos, que contribuem com artigos e fortalecem a preocupação do grupo com a formação e o desenvolvimento das pessoas. Contamos com a contribuição de agências de notícias, sites parceiros e jornalismo colaborativo.

Quantos jornalistas trabalham na redação?
Temos seis pessoas em Manaus, Belém e Brasília. Também recebemos apoio da equipe do canal AmazonSat, o canal temático da Amazônia, e mais de trinta articulistas.

Como o tema do meio ambiente é tratado no veículo? Existe alguma editoria ou repórter especial para trabalhar com o assunto?
Meio ambiente é um de nossos pilares. Diariamente trabalhamos com essa temática. Todos os repórteres são envolvidos na causa e recebemos informações importantes de nossos articulistas e de Brasília.

Como são abordados mudanças climáticas e desmatamento? Você acha que os leitores se interessam pelos temas?
Assuntos como meio ambiente, desmatamento e mudanças climáticas têm grande repercussão em nossas redes sociais. Vários órgãos, ONGs e parlamentares nos citam e repostam, o que gera grande engajamento em todo o Brasil.

PORTAL DO AMAZONAS

Com mais de 1 milhão de seguidores no Facebook, o **Portal do Amazonas** foi fundado em 2013 como parte do Grupo Fenix Publicidade e Propaganda, que pertence à jornalista Maria do Socorro Maia Machado. Embora diversas postagens sejam assinadas pelos quatro profissionais que atuam no veículo, boa parte dos textos — como as notícias sobre a Assembleia Legislativa do Amazonas e a Câmara Municipal de Manaus — é produzida por assessorias de comunicação e veiculada em dezenas de outros sites do estado.

Poucas palavras-chave determinadas para a pesquisa do projeto **Ecossistemas de Informação da Amazônia** foram encontradas na produção editorial do veículo. Um dos termos, "apreensão de madeira", aparece em "Batalhão Ambiental bate recorde de apreensão de madeira ilegal no Amazonas" (21/10) texto que trata das operações de fiscalização de um destacamento da Polícia Militar do estado. Apesar de assinado por Machado Edson, foi produzido pela assessoria de imprensa do governo estadual e replicado em diversos outros sites regionais.

A própria Amazônia só ganhou protagonismo na notícia quando a Força Nacional prorrogou a presença na área ("Ministério amplia prazo para ações da Força Nacional na Amazônia Legal", 13/11), em texto também assinado por Machado Edson, mas escrito pela Agência Brasil.

Os grupos indígenas, quilombolas e ribeirinhos mereceram uma citação, cada, ao longo de 2020 — mas apenas como referências em textos sobre outros assuntos, como a retomada do transporte hidroviário no estado ("Paralisação do transporte hidroviário de passageiros no AM é suspensa por decisão federal", 30/3). Ações de pessoas e instituições públicas também orientaram as duas matérias que trataram de agricultura familiar: "Idam acompanha entrega ao Programa de Aquisição de Alimentos, em Careiro da Várzea" (23/11) e "Wilson Lima entrega implementos agrícolas para impulsionar setor primário de Novo Airão" (20/12).

COARI: SEM COBERTURA NOTICIOSA PRÓPRIA

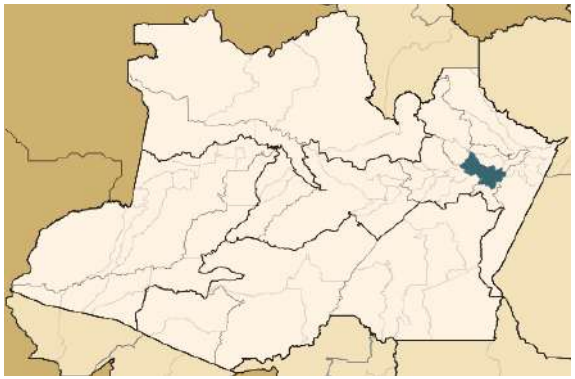
Localizado na região central do Amazonas, Coari é o quinto município mais populoso do estado — em 2020, o IBGE estimava, ali, a presença de 85.910 habitantes. Na área territorial da cidade está instalada a Província Petrolífera de Urucu, de onde são extraídos petróleo e gás natural.

Apenas um veículo de comunicação foi identificado na cidade: o blog **Coari em Destaque**, que faz postagens bissextas sobre assuntos variados, como economia, polícia e saúde. São textos reproduzidos de outros provedores de conteúdo, como Estadão Conteúdo e agência Reuters, ou portais de Manaus, a exemplo do Diário 24am e do Amazonas Atual.

Na falta de títulos jornalísticos, a população conta com o Facebook: a página Coari Notícias (14.739 curtidas em maio de 2021), que privilegia posts com denúncias sobre os gastos da prefeitura e acompanha a administração da cidade, e os grupos privados Notícias de Coari (23,3 mil membros) e AM Plantão Coari Notícias (5,3 mil membros).

ITACOATIARA

Com 102.701 habitantes, de acordo com a estimativa do IBGE, a terceira cidade mais populosa do estado fica na região metropolitana de Manaus — e, segundo a plataforma Amazônia Legal em Dados, foi o 14º município que mais desmatou no Amazonas em 2020, com 14,2 hectares devastados. Dois veículos de comunicação foram identificados em Itacoatiara: rádio Difusora 94,5 FM, que prioriza a programação musical e os horários de cunho religioso, e o Portal Itacoatiara.



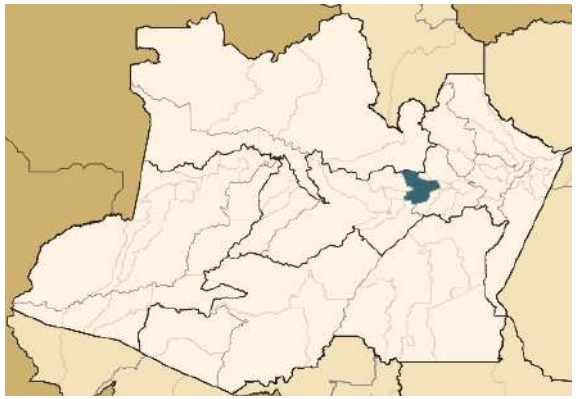
Itacoatiara (AM) (Ilustração adaptada: Raphael Lorenzeto de Abreu/Wikimedia Commons)

PORTAL ITACOATIARA

No **Portal Itacoatiara** (187 mil curtidas no Facebook), com editorias de Entretenimento, Esportes, Eventos e Geral, a expressão "meio ambiente" aparece principalmente no nome de instituições e órgãos governamentais. Uma das exceções é o texto "PM encontra desmatamento em área de preservação ambiental em Novo Remanso" (18/6), que usa o termo ao citar uma lei de proteção — o conteúdo do link foi, também, o único exemplo encontrado com "desmatamento" e "floresta amazônica" no período analisado. Outras palavras-chave aparecem de maneira escassa, sem relação com a cobertura sobre meio ambiente e mudanças climáticas: Amazônia ("Dom Ionilton: a missionariedade na Prelazia de Itacoatiara", 11/3), agronegócio ("Novos investimentos para crédito rural animam o setor primário", 10/3) e ribeirinhos ("A Unidade Básica de Saúde Fluvial de Itacoatiara está em fase de acabamento", 18/2), por exemplo.

MANACAPURU

Em Manacapuru, na região metropolitana de Manaus, o veículo com maior presença nas redes sociais — mais de 35 mil curtidas no Facebook — é o Notícias.com, que saiu do ar no antigo endereço e migrou para um novo em 2021. Por isso, não entrou na amostragem realizada pelo **Observatório da Imprensa** para o projeto Ecossistemas de Informação da Amazônia, que limitou a análise de conteúdo ao que foi produzido em 2020.



Manacapuru (AM) (Ilustração adaptada: Raphael Lorenzeto de Abreu/Wikimedia Commons)

NA HORA

Sem atualizações diárias, o portal **Na Hora** divide as notícias nas categorias Destaques, Política, Polícia, Comunidade, Esporte e Entretenimento. Ao longo de 2020, foram feitas apenas duas menções a queimadas e desmatamento, ambas reproduzidas de releases providos pela Assessoria de Comunicação do estado: "O foco é o combate ao desmatamento no Amazonas" (19/6), que descreve uma reunião de órgãos ambientais e do Comando e Controle do Amazonas para elaborar um

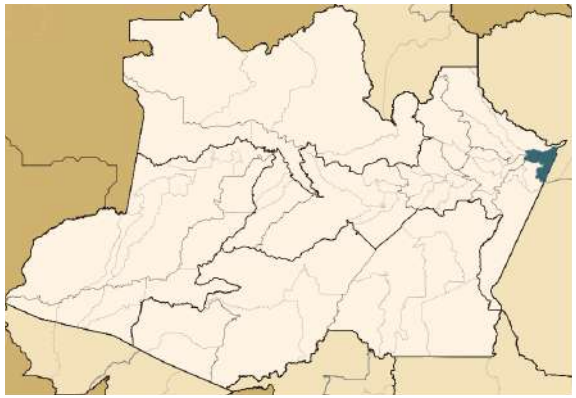
plano de combate ao desmatamento e às queimadas, e "Sustentabilidade Ambiental no pós-pandemia foi tema de reunião entre o Governador Wilson Lima e empresários" (12/8), dizendo que empresas estão "dispostas a contribuir com soluções para um país ambientalmente correto".

Povos indígenas foram tema de uma única nota, também reproduzida da Ascom: "Comunidades indígenas do Amazonas recebem ajuda humanitária do Governo do Estado" (16/5), sobre a distribuição de cestas básicas, máscaras e álcool gel. Ribeirinhos, quilombolas e povos da floresta não aparecem na cobertura.

Os termos Amazônia, meio ambiente e biodiversidade surgem apenas em referência a empresas e órgãos oficiais, como Conselho da Amazônia, Banco da Amazônia, Eternal, Indústria, Comércio, Serviços e Tratamentos de Resíduos Sólidos da Amazônia, Secretaria de Estado do Meio Ambiente, Delegacia Especializada em Crimes contra o Meio Ambiente e Urbanismo (Dema), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade.

PARINTINS

Na margem direita do rio Amazonas, acessível por barco ou avião da partir da capital, Manaus, é um destino turístico bastante procurado em função do Festival Folclórico de Parintins, estabelecido em 1966 (por causa da pandemia do novo coronavírus, as apresentações foram suspensas em 2020 e 2021). Na época da festa, a população da cidade — estimada em 115.363 habitantes pelo IBGE — chega a quase dobrar com a presença dos visitantes.



Parintins (AM) (Ilustração adaptada: Raphael Lorenzeto de Abreu/Wikimedia Commons)

PARINTINS AMAZONAS

Sem editoria específica para tratar de meio ambiente ou mudanças climáticas, o portal **Parintins Amazonas** deu pouca atenção a temas como apreensão de madeira ("Polícia Civil deflagra segunda fase da operação Flora Amazônica na capital e em Manacapuru", 18/7) e incêndios ("Wilson Lima decreta situação de emergência ambiental no Amazonas e antecipa plano de combate às queimadas", 23/5). A atuação de grileiros e garimpeiros, porém, mereceu críticas em algumas publicações, mesmo que o tema principal da matéria fosse outro, como a disseminação da covid-19 ("Atingidos pela pandemia, indígenas contam seus mortos e acusam governo de omissão", 8/8, texto produzido pela Agência Senado; "Tuxaua Amado Menezes da tribo Sateré-Mawé morre de coronavírus", 15/10).

Da Secretaria de Comunicação da prefeitura de Manaus — mas sem que a fonte seja identificada —, foram reproduzidos diversos textos em que o então prefeito da capital, Arthur Virgílio Neto, critica a política ambiental do governo Bolsonaro. São exemplos dessa prática as matérias "Prefeito de Manaus solicita integração no Conselho Nacional da Amazônia" (7/6; original aqui); "Prefeito Arthur critica política nacional voltada à defesa da Amazônia" (18/7; original aqui) e "No Dia da Amazônia, prefeito reforça alerta sobre preservação e política ambiental" (4/9; original aqui).

PARINTINS 24H

www.parintins24hs.com.br

Principal presença online dentre os veículos identificados na cidade, o portal **Parintins 24H**, com quase 38.000 curtidas no Facebook, dá prioridade a notícias sobre política e polícia — é sob a ótica de operações policiais que aparecem palavras-chave como desmatamento, incêndios e apreensão de madeira ("Polícias desarticulam esquema criminoso de extração e comércio ilegal de madeira no Amazonas", 2/6; "Operação Curuquetê 2 reforça ações de combate ao desmatamento e queimadas ilegais em Apuí", 19/8; "MPAM cria força-tarefa para combater desmatamento ilegal e queimadas no estado", 16/10).

Grileiros e garimpeiros receberam apenas uma menção, em "Desmatamento em Goiás traz impactos de norte a sul do país" (27/6). Trata-se de matéria sem identificação de autoria, com imagem creditada a José Paiva, reproduzida em mais de vinte outros veículos das regiões Norte e Centro-Oeste, como O Anápolis, News Cuiabá e Agora-TO. O Portal do Agronegócio atribui o texto à Fundação Grupo Boticário. A prática de postar conteúdo de assessoria de comunicação sem avisar o leitor aparece, ainda, em "JBS anuncia o programa Juntos pela Amazônia" (23/9), copiado de material divulgado pela empresa, sobre um projeto relacionado a sustentabilidade.

A pandemia do novo coronavírus fez com que o Parintins 24H tratasse do avanço da covid-19 entre os quilombolas ("Municípios da Calha Norte recebem apoio para sensibilização e enfrentamento à covid-19", 22/7) e os povos indígenas ("Médicos cubanos reforçam combate à covid-19 em mais de 17 mil indígenas no Dsei Parintins", 6/9 e "Testagem em massa revela crescimento de casos de covid-19 entre os Sateré-Mawé e Hixkaryana", 4/12, entre outros). Também abriu espaço para dar visibilidade a iniciativas em prol das reivindicações da comunidade ("Líder indígena cobra de Caprichoso e Garantido posicionamento pela luta dos povos nativos", 19/6; "Indígenas e ambientalistas discutem causas em seminário do Boi Garantido", 5/12).

A EXCEÇÃO

Os desafios de criar uma revista impressa sobre a Amazônia em meio a uma pandemia global

Paula Litaiff trabalha como jornalista no Amazonas há quinze anos. Foi estagiária, repórter e editora de algumas das principais redações de Manaus. Em 2018, juntou-se à equipe do jornal Amazonas1 para escrever reportagens investigativas, mas acabou assumindo um projeto mais ambicioso: criar uma revista impressa sobre a Zona Franca de Manaus, um conglomerado de 600 indústrias que formam um dos mais modernos centros tecnológicos da América Latina. "Os executivos do distrito industrial não gostavam de ler nem de financiar portais de notícias", explica Litaiff, que falou com o repórter Thallys Braga numa conversa via Zoom. "Naquele momento, a criação da revista impressa foi uma decisão estratégica, tanto para promover as reportagens do Amazonas1 quanto para conseguir investimentos de anunciantes."

A publicação foi batizada de ***Cenarium*** e circulou por quase dois anos pelos corredores das indústrias de Manaus. As reportagens, de cunho econômico, sequer eram publicadas na internet. Seus únicos leitores e financiadores eram os empresários do setor de energia.

Não demorou muito para que Litaiff começasse a planejar voos mais altos. Quando estudava jornalismo, sua maior ambição era construir uma revista semelhante à *Realidade*, publicação da Editora Abril que circulou entre 1966 e 1976 e ficou conhecida por tratar de assuntos polêmicos ligados à política e ao

comportamento social de um país comandado por militares. “Na minha juventude, eu folheava aquelas páginas com um brilho nos olhos”, lembra ela.

Mal começou 2020, a jornalista comprou os direitos de publicação da revista *Cenarium* e deixou o Amazonas1 determinada a transformá-la numa versão moderna e amazonense da *Realidade*. A intenção era se dedicar principalmente à cobertura da pauta ambiental, já que não havia nenhuma revista eletrônica nesses moldes em Manaus. Paula também queria que as reportagens fossem lidas por outras pessoas, além de empresários. Para isso, reuniu um time de onze repórteres que trabalhariam em esquema de plantão, publicando notícias na internet durante 14 horas por dia, de domingo a domingo. A edição impressa da revista, com reportagens especiais sobre o meio ambiente, seria publicada mensalmente e vendida a 16 reais.

O site entrou no ar em 15 de abril de 2020, 33 dias depois de o Amazonas confirmar seu primeiro caso de covid-19. A essa altura, a pandemia já avançava a passos largos em Manaus e nas cidades do interior do estado. Paula pretendia imprimir 5 mil exemplares da primeira edição da revista, mas se viu obrigada a recalcular a rota. “A distribuição para municípios do interior ficou inviável, por causa das medidas de restrição”, explica. Em doze meses de trabalho, só oito edições da revista foram para o papel. “As pessoas têm medo de tocar em um exemplar e se contaminar. Nós tomamos a decisão de produzir apenas 3 mil unidades por mês e enviá-las para bancas de jornal e prefeituras estratégicas em Manaus, São Paulo e Brasília.”

A principal meta da nova *Cenarium* é exportar o jornalismo feito no Amazonas para outros estados do país, de acordo com Litaiff. No primeiro ano de atividades, o site foi acessado principalmente em São Paulo e Brasília. Os leitores do Amazonas ocupam o terceiro lugar do ranking. “O amazônida não tem costume de ler sobre si mesmo”, analisa a jornalista. “Nós distribuímos a revista nos municípios do interior e noticiamos o que acontece por lá, mas as pessoas não parecem interessadas em consumir informações a respeito do meio ambiente e da política local.”

O Palácio do Planalto demonstrou interesse pela revista. Uma reportagem de novembro de 2020, sobre um movimento separatista que busca instalar um país na Amazônia, chamou a atenção do Ministério das Relações Exteriores. “Uma funcionária me ligou pedindo para tirar o texto do site, porque poderia repercutir negativamente lá fora”, conta Litaiff. “Nós não tiramos e ainda decidimos dar a reportagem na capa da edição impressa.”

Em março de 2021, um produtor da TV Cultura encontrou um exemplar da revista numa banca de São Paulo e propôs uma parceria entre os veículos. Com isso, a equipe da *Cenarium* passou a produzir videorreportagens com notícias do Amazonas para a rede de televisão pública, que distribui o conteúdo em sua programação.

O veículo se mantém com a venda de anúncios — o lucro da comercialização das revistas não paga nem o salário de um repórter, garante Litaiff. Os principais investidores são empresários e órgãos governamentais, e algumas páginas inteiras da versão impressa vêm estampadas por anúncios do governo estadual do Amazonas. “Mas isso não compra nossa dignidade”, defende a jornalista. “No ano passado, o governador foi denunciado por desvio de verba na compra de respiradores e nós cobrimos o caso como qualquer outro jornal.”
A maioria das notícias sobre meio ambiente é reproduzida de releases do governo e de outros veículos, como Agência Brasil e *O Globo*. Apesar do recorte socioambiental, nenhuma edição da revista impressa publicada em 2020 deu destaque à Amazônia. Temas urgentes, como a ação de grileiros e garimpeiros na floresta, não aparecem com frequência na *Cenarium*. Segundo Litaiff, cobrir esses assuntos pode colocar os jornalistas em situações de risco. De tempos em tempos, o trabalho deles é restringido por causa de conflitos entre grupos de criminosos. “Nossa prioridade sempre será a segurança do repórter.”

Paula recebe convites para contar a história da *Cenarium* em escolas de jornalismo da região Norte. “Gosto de falar sobre como a nossa revista renasceu”, diz ela, orgulhosa das mudanças. No entanto, a experiência com os estudantes tem sido um tanto frustrante: nem todos se mostram tão entusiasmados com a proposta da revista. “Alguns jovens questionam nossa decisão de não publicar matérias sobre crimes e argumentam que a audiência do Amazonas se interessa por isso”, conta. “Mas eu não estou interessada em reforçar o pensamento da massa. É o jornalismo que escreve a história e eu acredito que podemos ajudar a mudar as coisas no Amazonas”, completa.

PARÁ

Considerando jornais impressos, portais online, emissoras de rádio e de televisão, a pesquisa do **Observatório da Imprensa** para o projeto **Ecossistemas de Informação da Amazônia** identificou os seguintes veículos nos municípios de Altamira, Ananindeua, Belém, Marabá, Parauapebas e Santarém:

ALTAMIRA
- Confirma Notícia
- Rádio Cidade Altamira
- Rádio Jornal de Transamazônica
- Rádio Rural de Altamira
- TV Altamira
- TV Cidade
- TV Mirante
- TV Vale do Xingu
- TV Liberal
- Vale Do Xingu FM
- A Voz Do Xingu
- Xingu 230

ANANINDEUA
- Ananindeua Debates
- Jornal de Ananindeua
- Rádio Ananin
- Rádio Astral
- Rádio Distrital FM
- Rádio FM Cabana
- Rádio Geração
- Rádio Pará FM Web
- Rádio Unama
- TV Marajoara

BELÉM
- Bacana News
- Rádio Diário FM
- Blog do Barata
- CBN Amazônia Belém
- Diário do Pará / Diário OnLine
- G1 Pará
- Jornal Amazônia
- Jornal O Liberal
- Periferia Em Foco
- A Província Do Pará
- Rádio Cultura do Pará
- Rádio e TV Nazaré
- Rádio Liberal FM
- Rádio Marajoara
- Rádio Web UFPA
- RBA TV Belém
- Revista Pará Mais
- Roma News
- TV Liberal
- Uruatapera Blog
- Ver-O-Fato

MARABÁ
- Correio de Carajás
- Hiroshi Bogéa Online
- Opinião
- Rádio Itacaiúnas
- Tv Correio Marabá

PARAUAPEBAS
- Portal Carajás / Carajás O Jornal
- Carajás Notícias
- Correio do Pará
- O Regional
- Pebinha De Açúcar
- Portal Parauapebas
- Sol Dos Carajás
- Zé Dudu

SANTARÉM
- Blog do Jeso Carneiro
- G1 Santarém
- Gazeta de Santarém
- Jornal O Impacto
- O Estado Net
- Portal de Amazônia
- Rádio Amazônia FM
- Rádio e TV Ponta Negra
- Rádio O Guarany de Santarém
- Rádio Rural de Santarém
- SOS Santarém
- TV Tapajós
- TV Web Santarém

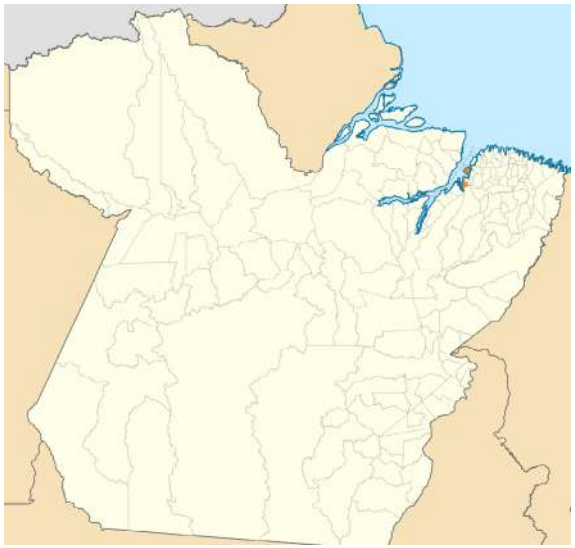
Para a análise de amostras da produção jornalística, foram selecionados os veículos mais relevantes em diferentes tipos de mídia (impressa, digital, rádio e TV), levando em conta também a presença e o alcance de cada título nas redes sociais. A pesquisa foi feita com base em 26 palavras-chave, considerando o ano de 2020.

BELÉM

Organizado pelo Observatório das Metrópoles do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT), o Índice de Bem-Estar Urbano (IBEU) mede o nível das condições necessárias para se viver nos grandes centros urbanos do país a partir de vinte indicadores, em cinco categorias: mobilidade, condições ambientais, condições habitacionais, atendimento de serviços coletivos e infraestrutura. Na comparação entre quinze capitais brasileiras, Belém foi a que se saiu pior. Com exceção do quesito mobilidade, que recebeu a avaliação "médio", todos os outros foram avaliados como "muito ruim".

Essa é a principal cidade do estado que mais desmata no país, de acordo com a plataforma Amazônia Legal em Dados, que usa dados do Prodes e do Inpe para fazer suas avaliações. "Do total de 19,7 mil hectares desmatados registrados em 2020 na Amazônia Legal, 76,8% ocorreram em três estados da região. O Pará foi o estado com maior desmatamento acumulado, com 9.032 hectares" — o que corresponde a 45,8% do total da área, segundo a instituição. Em Belém, outros problemas que impactam o meio ambiente se somam à devastação da floresta: lixo nas ruas, esgoto a céu aberto, saneamento básico ainda problemático.

Que tipos de veículos jornalísticos informam os belenenses sobre esses assuntos? A exemplo das outras capitais de estado pesquisadas pelo projeto Ecossistemas de Informação da Amazônia, a cidade apresenta jornais impressos, emissoras de rádio e retransmissoras de TV afiliadas às grandes redes originárias do Sudeste (TV Liberal/Globo, SBT Pará, Record TV Belém, RBA TV/Band). A maior parte dos meios de comunicação atuais, porém, está mesmo é na internet.



Belém (PA) (Ilustração adaptada: Allice Hunter/ Wikimedia Commons)

DIÁRIO DO PARÁ / DIÁRIO ONLINE

Lançado em 1982, o Diário do Pará pertence ao Grupo RBA de Comunicação, de propriedade da família do político Jader Barbalho, ex-senador e ex-governador do estado. Além do DOL — Diário OnLine —, braço do veículo impresso na internet, a empresa é dona de rádios como a 99 FM e a Diário FM, e da RBA TV, emissora afiliada da Band.

Sem editoria específica para cobrir temas relacionados ao meio ambiente e às mudanças climáticas, o jornal trata de desmatamento, garimpo, incêndios e apreensão de madeira, por exemplo, de maneira factual, relatando operações locais ("Operação 'Amazônia Viva' apreende madeira ilegal no Pará", 31/10) ou reproduzindo informações de agências ("Megaoperação da PF contra garimpo mira empresário no Pará", 18/10; "PF faz a maior apreensão de madeira da história na divisa do Pará com Amazonas", 21/12, ambas da Folhapress). Também apresenta a opinião de Jader Barbalho (MDB-PA) diante dos índices crescentes de desmatamento no estado ("Senador Jader cobra ação do governo federal contra desmatamento da Amazônia", 20/6).

Em setembro, o jornal comemorou as vinte edições da revista trimestral AgroPará, "primeiro suplemento exclusivamente voltado para o agronegócio no estado", encartado gratuitamente na edição impressa. Diversas reportagens estão disponíveis online, tratando de temas como avicultura ("Indústria granjeira paraense produziu 28 milhões de quilos de ovos por ano em 2019", 10/1), criação de gado ("Rebanho paraense se destaca pela genética e pela carne produzida", 9/1), aquicultura ("Pará tem espaço favorável para a criação de pescado e ganha destaque", 27/12) e apicultura ("Mel é item fundamental na alimentação e na produção de remédios", 26/12). Dois meses depois,

em novembro, o veículo anunciou o lançamento dos cinco fascículos da série Diário Documento — Sustentabilidade ("Novo projeto do DIÁRIO apresenta bons exemplos de sustentabilidade"), com edições especiais abordando projetos sociais, educação ambiental, sustentabilidade empresarial, reciclagem e produtos biodegradáveis.

O LIBERAL

Principal concorrente do Diário do Pará entre os jornais impressos e online, O Liberal surgiu em 1946. Vinte anos depois, foi adquirido pelo jornalista e empresário Rômulo Maiorana, do Grupo Liberal — seus herdeiros ainda comandam o periódico, assim como outros veículos de comunicação da empresa, como o tabloide sensacionalista Amazônia, a rádio Liberal FM e a TV Liberal, afiliada da Rede Globo. Em 2005, ganhou o Prêmio Esso Regional Norte pela reportagem "Escravas no Suriname", de Jaqueline Almeida.

Assim como o título concorrente, O Liberal também trata de desmatamento e apreensão de madeira, por exemplo, de maneira factual, republicando textos de outros veículos, como Folha de S.Paulo, e usando informações oficiais das assessorias de comunicação, quase sem entrevistar autoridades ambientais ("Polícia apreende mais de 500 m³ de madeira ilegal e interdita serraria clandestina no Marajó", 8/9; "Instituto aponta crescimento de 143% em desmatamento na Amazônia", 12/3).

Representantes de comunidades indígenas e quilombolas, por outro lado, foram ouvidos em reportagens sobre o avanço da epidemia de covid-19 em cada grupo ("Covid-19 já matou 34 quilombolas no Pará", 2/7; "Pará é o segundo em mortes de indígenas por covid-19", 6/7). Em agosto, outro exemplo de presença da voz indígena ocorreu quando manifestantes Kayapó fecharam a BR-163, perto do município de Novo Progresso, para cobrar mais acesso à saúde e proteção de suas terras. O Liberal acompanhou os três dias de protesto, descritos em textos como "Após ato de 29 horas, indígenas Kayapó liberam a BR-163" (18/8) e "Manifestação de indígenas na BR-163 completa 48h" (19/8), que elencam cada reivindicação do grupo.

A PROVÍNCIA DO PARÁ

Outro título veterano de Belém, o jornal online A Província do Pará também pertence a um conglomerado de comunicação: o Grupo Marajoara, do empresário Carlos Santos, dono ainda de rádios e de uma emissora de TV em Ananindeua.

Entre os temas relacionados ao meio ambiente, vale destacar a abordagem crítica do veículo em relação aos grileiros. O jornal relaciona a atividade a problemas sociais e ambientais, como desmatamento ("Amazônia tem maior desmatamento no período de junho dos últimos 5 anos", 13/7), queimadas ("Focos de calor batem novos recordes na Amazônia em julho, aponta Greenpeace Brasil", 11/8) e invasão de terras indígenas ("TRF1 suspende norma da Funai que afrouxa proteção de terras indígenas em Marabá", 3/7). Sobre a Amazônia, publica e reproduz matérias com destaque à fauna e à flora locais ("Plantas na Amazônia tem bactérias produtoras biodegradáveis", 15/6; "Veneno de jararaca e aranha da Amazônia pode tratar doenças", 13/11; "Embrapa: planta amazônica ajuda a combater pragas agrícolas", 15/11). Os textos seguem o padrão de divulgação científica, com dados de instituições e pesquisadores que estudam a floresta.

ALTAMIRA

Dentre os municípios responsáveis por colocar o Pará como o estado que mais desmata no país, Altamira ocupa o primeiro lugar. Segundo a plataforma Amazônia Legal em Dados, que compila informações do Prodes e do Inpe, foram 1.595,1 hectares em 2020.

O levantamento feito pelo **Observatório da Imprensa** identificou doze veículos de comunicação atuantes na cidade. As três emissoras de rádio – Rural Altamira, Cidade e Vale do Xingu – dão prioridade à programação musical, com eventuais boletins informativos e horários de cunho religioso. Cinco são emissoras de TV, reproduzindo sinais de Band (TV Cidade), SBT (TV Vale do Xingu), Record (TV Mirante), Cultura (TV Altamira) e Globo (TV Liberal), com a produção de alguns telejornais locais.

Uma videorreportagem de Elvira Lobato e Ana Terra Athayde, publicada no **Observatório da Imprensa** em março de 2019, já informava que a televisão é o principal meio de comunicação da cidade e contextualiza a imprensa local: "A construção da usina hidrelétrica de Belo Monte [2016] impactou Altamira e seu entorno. A formação de um lago de 480 km quadrados deslocou 10 mil famílias ribeirinhas e atingiu treze terras indígenas. De cidade isolada às margens do rio Xingu, Altamira tornou-se o epicentro da discussão mundial sobre a preservação do meio ambiente e dos direitos dos povos indígenas. A imprensa local, que antes se limitava à cobertura da própria comunidade, ampliou seus horizontes para acompanhar a nova agenda."

Altamira (PA) (Ilustração adaptada: Allice Hunter/ Wikimedia Commons)

A VOZ DO XINGU

Único jornal impresso de Altamira, publicado desde 2012 em formato tabloide, ***A Voz do Xingu*** afirma, em sua página no Facebook, ter tiragem quinzenal de 3 mil exemplares e distribuição gratuita em onze municípios. No site, as editorias estão divididas em Política, Esporte, Polícia, Região e Saúde. A versão em papel, além das matérias, traz quadros chamados Licenças Ambientais, com a divulgação de pedidos e concessões feitos à Secretaria Municipal da Gestão do Meio Ambiente e Turismo, por pessoas físicas ou jurídicas, de atividades como exploração florestal, comércio varejista ou limpeza de vegetação para trabalho agropastoril. A fonte de renda do veículo vem da publicação desses editais, assim como de anúncios do comércio local.

A reportagem sobre *A Voz do Xingu* feita pela jornalista Elvira Lobato para o **Observatório da Imprensa** pode ser lida aqui: "A voz solitária do Xingu" (26/3/19).

XINGU 230

Temas relevantes para a preservação do meio ambiente estão na pauta do **Xingu 230**, veículo local com maior presença nas redes sociais — em dezembro de 2020, eram mais de 57 mil curtidas no Facebook e 13 mil seguidores no Instagram. A maior parte dos textos, entretanto, reproduz matérias de outros títulos, como o G1 Pará. Foi o caso de duas postagens, em maio e junho de 2020, apontando o município como campeão de desmatamento na Amazônia: "Altamira lidera ranking de desmatamento da Amazônia, aponta Imazon" (19/5) e "Altamira lidera o ranking de municípios que mais derrubaram árvores" (16/6). O portal de notícias da Rede Globo também foi fonte de três textos sobre operações coordenadas pelo Ibama ou pela Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Sustentabilidade no combate a crimes ambientais: "Operação Verde Brasil apreende tratores, motosserra, escavadeira e aplica multa por desmatamento em fazendas no PA" (29/5), "Operação contra crimes ambientais interdita três garimpos e fecha acampamentos no interior do PA" (29/6) e "Nova fase da Operação Amazônia Viva interdita mais de 30 garimpos ilegais no Pará" (12/11).

Em outra ocasião, o texto "Fazendeiros de Castelo de Sonhos, Altamira e Novo Progresso são condenados a pagar R$ 6,8 milhões por desmatamento ilegal no Pará" (16/3) reproduziu notícia da Folha do Progresso — que, por sua vez, dá crédito para o G1. A Folha foi o jornal digital que denunciou, em 10 de agosto de 2019, as queimadas conhecidas como Dia do Fogo, crime ambiental provocado por fazendeiros e empresários na cidade de Novo Progresso, no sudoeste do estado. Quando não utiliza material produzido por outros veículos, as fontes dos textos sobre meio ambiente utilizadas pelo Xingu 230 são assessorias e órgãos oficiais. Foi o caso, por exemplo, em "Polícia Federal deflagra operação contra exploração ilegal de madeira em três municípios da região do Xingu" (29/7).

ANANINDEUA

Na região metropolitana de Belém, o segundo município mais populoso do estado, Ananindeua, é servido por sete emissoras de rádio, com foco em transmissões musicais ou programas de cunho religioso. Outros veículos com presença online tratam da cobertura política local e estadual, além de temas como a pandemia do novo coronavírus, sem dar maior espaço a assuntos relacionados ao meio ambiente e às mudanças climáticas.

Ananindeua (PA) (Ilustração adaptada: Allice Hunter/ Wikimedia Commons)

ANANINDEUA DEBATES

Criado por Rui Baiano Santana, o blog **Ananindeua Debates** dispõe-se a discutir assuntos políticos locais e nacionais e pouco fala sobre temas relacionados ao meio ambiente e às mudanças climáticas. Numa das exceções, publicou "A fala de Hamilton Mourão protege desmatamento, atenta contra povos indígenas e põe em risco a economia do país" (11/7), artigo crítico à política do governo federal assinado por Zé Carlos Lima, creditado como presidente da Fundação Herbert Daniel local. Em outras, reproduziu textos de veículos como *Carta*

Capital ("PF descarta envolvimento de brigadistas nas queimadas em Alter do Chão", 1/9), Agência Pública ("Na Amazônia, 118 políticos com multas ambientais concorrem às eleições", 12/10) e UOL ("PF apreende 4 aviões e R$ 15 milhões em ouro de garimpos clandestinos no PA", 10/10). Rui Baiano Santana, autor do blog, é um dos idealizadores da Associação de Imprensa de Ananindeua ao lado de Uziel Monteiro (Jornal Metropolitano) e Eduardo Sillé (Jornal de Ananindeua).

MARABÁ

Quarta cidade mais populosa do estado — 283.542 habitantes, estimados em 2020 pelo IBGE —, Marabá fica a cerca de 500 km de Belém, no sudeste do estado. Ali, a pesquisa do **Observatório da Imprensa** identificou cinco veículos de informação, entre rádio (Itacaiunas), emissora de TV (Correio Marabá, afiliada do SBT), títulos online (Jornal Opinião; blog Hiroshi Bogéa) e um jornal impresso que também opera um portal na internet (*Correio de Carajás*).

Marabá (PA) (Ilustração adaptada: Allice Hunter/ Wikimedia Commons)

CORREIO DE CARAJÁS

Fundado em 1983 como *Correio de Tocantins*, o ***Correio de Carajás*** é um dos poucos jornais impressos do interior do Pará, com periodicidade trissemanal. A abordagem de temas relacionados ao meio ambiente e às mudanças climáticas é relativamente constante no veículo. São frequentes as notícias, várias delas assinadas por profissionais da redação, sobre as investidas policiais que procuram combater mineração ou desmatamento ilegal e focos de incêndio na região, como "Seis forças federais fecham 'Buraco Fundo' entre Itupiranga e Curionópolis" (13/5), "Operação integrada das Forças Federais segue até junho" (14/5) e "Megaoperação fiscaliza caminhões de minério em Marabá" (25/6). Mas também marcam presença textos oficiais, reproduzidos da Agência Brasil ou do site do governo federal, a exemplo de "Mourão manifesta preocupação com incêndios na Amazônia" (4/8) e "Governo lança campanha contra queimadas" (19/8).

PINGUE-PONGUE: ULISSES POMPEU, CORREIO DE CARAJÁS

Para o editor do jornal, escrever sobre alguns assuntos relacionados ao meio ambiente pode ser uma tarefa espinhosa.

Quando foi criado o site do* Correio de Carajás*?
Em 7 de julho de 2016. Anteriormente, funcionava em um domínio do *Jornal Correio*, veículo que o Grupo Correio de Comunicação mantém até hoje. Somos um dos poucos impressos do interior do estado do Pará, com 38 anos de existência e periodicidade trissemanal.

Quantos jornalistas trabalham na redação e como é feita a divisão por editorias?
Em Marabá, somos sete jornalistas e dois fotógrafos. Temos uma sucursal na cidade de Parauapebas, com mais dois jornalistas e um fotógrafo, um outro jornalista em Canaã dos Carajás e free-lancers em outras quatro cidades estratégicas do sudeste do Pará. Como a equipe é pequena, só temos editoria específica para polícia, com dois profissionais. Os demais fazem de tudo um pouco.

Como o tema do meio ambiente é tratado no veículo?
Damos bastante atenção a este assunto. Já que estamos na Amazônia, uma área sensível e espelho para o mundo, eu mesmo, que fiz uma pós relacionada ao meio ambiente, conduzo essa questão. Fazemos reportagens frequentes sobre essa temática, mas tento sempre envolver outros colegas, para que o tema não fique centralizado em apenas uma pessoa e para termos outras visões no conteúdo. A maior parte das abordagens está relacionada aos danos causados pela mineração (a região sudeste do Pará é, atualmente, a maior produtora de minério do Brasil). Desmatamento e queimadas e, ainda, reportagens que apontam a poluição dos rios Tocantins, Itacaiunas e Araguaia, que cruzam o município de Marabá.

Como são abordados os temas de mudanças climáticas e desmatamento?
Temos liberdade editorial para trabalhar sobre a temática do desmatamento, um dilema histórico e que causa graves problemas ao meio ambiente e às pessoas. Essas temáticas são abordadas, em geral, durante a estiagem amazônica, entre julho e novembro, quando ocorrem desmatamentos e queimadas com mais intensidade. Temos acesso às autoridades ambientais regionais do ICMBio, Ibama, professores da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, entre outras, que nos ajudam a refletir sobre dilemas específicos que identificamos. Estamos produzindo uma reportagem especial transmídia sobre castanheiras, fazendo mapeamento de todas as que restam na área urbana (são mais de 120) e que, aos poucos, estão desaparecendo na madrugada, com cortes misteriosos e “silenciosos”.

Quais são os desafios para a prática do jornalismo local?
Primeiro, é preciso esclarecer que um veículo de comunicação na Amazônia, com a estrutura que temos, relativamente boa, geralmente está atrelado a algum grupo político, como é o nosso caso. Assim, há sempre um fato ou outro que precisa passar pelo crivo da diretoria em face dessa questão. Às vezes, um ou outro acaba não sendo levado à frente por interferência externa.

A extração de manganês ilegal, atualmente, é um grande dilema ambiental em nossa região. Além de acelerar o desmatamento, causa grandes danos ao solo e, por extensão, a todo o meio ambiente. Até mesmo a Polícia Federal tem dificuldades para realizar operações porque os grupos empresarias desse setor são muitos, fortes e ameaçadores. Vários policiais militares são pagos para fazer vista grossa ou até mesmo atuar na proteção de caminhões que passam por dentro da cidade de Marabá na madrugada, carregados de minério ilegal rumo ao porto de Vila do Conde (PA), para onde segue ao mercado internacional. As poucas vezes em que nos arriscamos, denunciando a rota ilegal do manganês, fomos ameaçados de forma velada.

PARAUAPEBAS

Com 213.576 habitantes, segundo estimativa do IBGE em 2020, o município surgiu como uma vila de Marabá, na década de 1980, em torno da exploração da maior reserva mineral do mundo — Carajás — pela Companhia Vale do Rio Doce, atual Vale S.A. Oito veículos de informação foram identificados na cidade. Com exceção de *O Regional*, que circula semanalmente às sextas-feiras — e, como presença digital, mantém apenas uma página no Facebook –, todos investem na existência online.

Parauapebas (PA) (Ilustração adaptada: Allice Hunter/Wikimedia Commons)

PEBINHA DE AÇÚCAR

Fundado em 2007 pelo jornalista Bariloche Silva, o site **Pebinha de Açúcar** tem uma forte atuação nas redes sociais: são mais de 825 mil seguidores no Facebook (com 319 mil curtidas na página), 57,3 mil no Instagram e 110 mil inscritos no canal do site no YouTube.

Com presença marcante na cidade, a empresa Vale S.A. aparece com certa frequência nos textos sobre meio ambiente veiculados pelo portal. Um exemplo é "Município de Canaã dos Carajás estabelece contrato com Cooperativa de Catadores para coleta seletiva" (8/2), que fala sobre a cooperativa Coolettar, parceira da Vale e da Fundação Vale. "Além do benefício ambiental com a formalização da coleta seletiva no município, o contrato promoverá a geração de trabalho e renda aos cooperados", diz o texto — o único, em 2020, publicado para tratar do problema do lixo.

No mesmo ano, os episódios de queimadas em Parauapebas dobraram em relação a 2019. O tema foi tratado pelo Pebinha de Açúcar em um texto alertando para o perigo das ocorrências ("Em Marabá, Semma e Defesa Civil atuam para combater queimadas e punir infratores", 8/7) e em outro que destacou as consequências da fumaça para a saúde de humanos e animais ("Ocorrências de queimadas dobram em relação ao ano passado em Parauapebas", 10/8).

Também o termo "floresta amazônica" aparece em matérias relacionadas à Vale, como "Castanheira plantada por Princesa Lady Di em Carajás dá primeiro fruto" (10/1) e "Parque Zoobotânico Vale completa 35 anos: conservando o que temos de melhor" (4/3).

ZÉ DUDU

Segundo veículo de Parauapebas com maior presença nas redes sociais — 49 mil seguidores e 32 mil curtidas no Facebook —, o site **Zé Dudu** foi criado em 2008 por José Eduardo Ferreira do Vale, conhecido popularmente como Zé Dudu. Dividida em editorias como Parauapebas, Marabá, Pará, Polícia e Entretenimento, a página privilegia notícias sobre operações policiais em temas relacionados ao meio ambiente, como desmatamento ("São Félix do Xingu: 'Amazônia Viva' prende 12, apreende armas e equipamentos usados em desmatamento ilegal", 7/10; "Governo regulamenta lei de regularização fundiária e de combate à grilagem e desmatamento",

26/11), incêndios ("Parauapebas é sede da Operação Fênix 2020 de combate a incêndios florestais", 11/8; "FAB usa aviões C-130 Hércules em combate a queimadas na Serra dos Carajás", 21/9), apreensão de madeira ("Paragominas: operação integrada apreende madeira, arma e tratores", 18/9; "Federal faz maior apreensão de madeira da história", 21/12) e garimpo ("Ourilândia do Norte: mais um garimpo ilegal é fechado no município", 30/10; "Sexta fase da 'Amazônia Viva' fecha garimpos ilegais, apreende madeira, equipamentos e armas de fogo", 30/11). A maior parte dos textos é reproduzida de órgãos oficiais de comunicação ou de outros veículos.

Publieditoriais da Vale S.A. também marcam presença no site. Foi o caso de "Dia da Amazônia: conheça as ações da Vale para a preservação do bioma brasileiro" (14/9), publicado também por outros títulos do estado, como o jornal *O Liberal*, de Belém.

SANTARÉM

Também os veículos digitais dominam as informações em Santarém, terceiro município mais populoso do estado, com 306.480 habitantes, e distante cerca de 800 km da capital, Belém. Além de um jornal impresso, *O Impacto*, há emissoras de rádio e TV e diversos portais de internet.

Santarém (PA) (Ilustração adaptada: Allice Hunter/ Wikimedia Commons)

O ESTADO NET

Fundado em 2013 pelo jornalista Miguel Oliveira, O Estado Net é o antigo jornal impresso *O Estado de Tapajós*, que migrou para a internet quando deixou de publicar as edições em papel. Embora com layout simples, presença modesta nas redes sociais — pouco menos de 4.000 curtidas no Facebook, em dezembro de 2020 — e escassa produção própria de conteúdo, o site dá bastante atenção a temas relacionados ao meio ambiente, repostando textos assinados por Repórter Brasil, Amazônia Real, *O Estado de S.Paulo* e *Folha de S.Paulo*, por exemplo. Lúcio Flavio Pinto, veterano jornalista e sociólogo paraense que, por mais de trinta anos, publicou o alternativo *Jornal Pessoal*, colabora frequentemente com textos reflexivos que não só criticam a atual gestão ambiental do governo Bolsonaro como apresentam personagens emblemáticos da região. Um deles, "Um pioneiro bolsonarista" (18/7), fala sobre a vida do produtor de arroz Paulo Cesar Quartiero: "É pioneiro da ideologia que declarou o fim do politicamente correto e prega a submissão de ambientalistas, indígenas e quilombolas à lógica da agropecuária, uma cartilha que o presidente está colocando em prática na Amazônia brasileira". Também merecem citação as matérias sobre operações policiais contra o garimpo ilegal, como "Em operação contra ouro ilegal, PF apreende armas e veículo em Itaituba e Santarém" (20/01) e "PF prende duas pessoas por garimpagem ilegal e destrói máquinas em Jacareacanga" (13/11).

O IMPACTO

“O jornalismo local padece da falta de anunciantes. No contexto amazônico, onde a comunicação e o deslocamento são difíceis, tudo se torna ainda mais complexo”, afirma Edmundo Baía Júnior, editor do jornal ***O Impacto***, em entrevista ao **Observatório da Imprensa**. Em relação à pauta ambiental, ele completa: “Várias vezes, aqui na redação, não viemos trabalhar no dia seguinte em que a edição foi às bancas porque recebemos ameaças de grileiros e madeireiros”. Em 2020, por exemplo, foram apenas duas as reportagens sobre apreensão de madeira (“Tratores e armas de fogo são localizados em operação policial que resultou na apreensão de 100 m³ de madeira ilegal em Santarém”, em 20/8, e “PF apreende 43,7 mil toras de madeira ilegal no Pará”, em 22/12) e outras duas sobre desmatamento (“Governo impôs sistema que inviabiliza a fiscalização do desmatamento, diz MP”, em 13/8, e “Pará concentra maior área de floresta desmatada em agosto, diz Inpe”, em 12/9).

Ações policiais dão o tom das reportagens sobre garimpo (“Operação Bezerro de Ouro — PF combate garimpo ilegal em terras indígenas no Pará”, 28/9; “Operação Ouro Frio II — PF realiza missão para inutilização de máquinas e destruição de pistas de pouso usadas para abastecimento de garimpos clandestinos no Pará”, 13/10). A respeito de lixo, o jornal publicou uma matéria sobre o descarte irregular de resíduos (“Além da degradação ambiental, proliferação de lixões no entorno do Juá ameaça segurança aérea”, 10/9) e um artigo sobre o vazamento de metano na Antártica (“Por que uma nova forma de liberação de metano na atmosfera, confirmado recentemente, preocupa tanto os cientistas?”, 23/7).

PINGUE-PONGUE: EDMUNDO BAÍA JÚNIOR, *O IMPACTO*

O editor do jornal conta que temas relacionados ao meio ambiente e às mudanças climáticas são mais consumidos na versão online do jornal.

Quando o jornal foi criado?
Em 3 de fevereiro de 1995.

Quantos jornalistas trabalham na redação?
Quatro.

Como o tema do meio ambiente é tratado no veículo? Existe algum repórter ou editoria especial para trabalhar com o assunto?
Atualmente, todos os repórteres cobrem o tema. Exista apenas uma categorização, que define o que chamamos de olhares: aspectos jurídico, comunitário, social, econômico e científico.

Como são abordados os temas de mudanças climáticas e desmatamento? Os leitores se interessam por esses temas?
Nosso público é diferente no jornal impresso e no site. Na edição impressa, a maioria é de homens acima de 40 anos. No site e nas redes sociais, prevalece o público feminino, entre 30 e 50 anos. Isso leva a uma mudança nas abordagens. No online, os dois temas são mais consumidos. No impresso, buscamos uma conotação mais próxima do leitor, como lagos e igarapés degradados, praias sujas, calor exacerbado, tudo no contexto do dia a dia.

Quais são os desafios para a prática do jornalismo local no Pará?
Sem dúvida, assim como no restante do planeta, o jornalismo local padece da falta de anunciantes. No contexto amazônico, onde a comunicação e o deslocamento são difíceis — Santarém, por exemplo, uma cidade de mais de 300 mil habitantes, não tem internet de qualidade —, tudo se torna ainda mais complexo. Quando você une o jornalismo profissional na Amazônia com a cobertura sobre desmatamento, há diversas dificuldades. Várias vezes, aqui na redação, não viemos trabalhar no dia seguinte em que a edição foi às bancas porque recebemos ameaças de grileiros e madeireiros.

JESO CARNEIRO

"Meio ambiente e política são os carro-chefe do blog. Damos muita atenção e destaque a essa pauta, principalmente às questões ambientais amazônicas", diz Jeso Carneiro, autor do site que leva seu nome e existe desde 2005, em conversa com o **Observatório da Imprensa**. A pesquisa realizada para o projeto **Ecossistemas de Informação da Amazônia** durante o ano de 2020, porém, não identificou tantas publicações sobre o tema.

Foram duas notícias, por exemplo, sobre apreensão de madeira: "Jornalista flagra comboio de balsas com toras de madeira descendo o rio Arapiuns; vídeo" (24/8) e "Operação da PF no Arapiuns e Mamuru faz a maior apreensão de madeira da história" (21/12), reproduzida da *Folha de S.Paulo*. O desmatamento só foi citado uma vez, em texto original do UOL: "Bolsonaro diz que indígenas e caboclos são os que queimam e desmatam a Amazônia" (17/7). "Pará lidera ranking de ações ambientais na Amazônia com 37% do total, diz CNJ" (7/12), por sua vez, foi retirada do site Consultor Jurídico.

Os povos indígenas não foram tema central de nenhuma publicação, mas o blog faz citações indiretas a eles. Suas terras servem apenas de cenário para notícias como "Missionário é condenado por cessão ilegal de arma de fogo em território indígena Zo'é" (5/3).

Apesar de não noticiar conflitos de terra e ações de grileiros, o site destaca casos de garimpo ilegal, com matérias que se diferenciam de vários outros veículos por dar nome aos infratores. "Dono de garimpo terá que pagar 52 mil para responder em liberdade ação por lavra ilegal" (25/6) e "Justiça Federal bloqueia R$ 268 milhões de investigados por garimpo ilegal no Pará" (11/12) são dois exemplos.

Em março, o blog noticiou uma iniciativa que coletou lixo descartado irregularmente em um bairro da região ("Ação ambiental na Vila Arigó coleta lixo em meio a 'cemitério' de embarcações", 19/3). Foi uma das quatro publicações a respeito do assunto. Os textos contam com depoimentos de especialistas e moradores sobre as consequências dos resíduos para a comunidade e o meio ambiente.

RORAIMA

Considerando jornais impressos, portais online, emissoras de rádio e de televisão, a pesquisa do **Observatório da Imprensa** para o projeto **Ecossistemas de Informação da Amazônia** identificou os seguintes veículos nos municípios de Boa Vista e Rorainópolis:

BOA VISTA

- Band Roraima
- Blog do Expedito Peronnico
- Blog do Luiz Valério
- Boa Vista Já
- Correio do Lavrado
- Folha de Boa Vista
- Rádio Equatorial 93 FM
- Rádio Folha 100.3 FM
- Rádio Monte Roraima
- Rádio Roraima AM 590
- Rádio Tropical FM
- Rede Amazônica
- Roraima 1
- Roraima Agora
- Roraima em Foco
- Roraima Em Tempo
- Roraima Hoje
- TV Assembleia
- TV Imperial

RORAINÓPOLIS

- Jornal Roraisul

Para a análise de amostras da produção jornalística, foram selecionados os veículos mais relevantes em diferentes tipos de mídia (impressa, digital, rádio e TV), levando em conta também a presença e o alcance de cada título nas redes sociais. A pesquisa foi feita com base em 26 palavras-chave, considerando o ano de 2020.

BOA VISTA

Boa Vista, a capital de Roraima, está separada de Rorainópolis, segunda maior cidade do estado, por 295 quilômetros. As quase quatro horas de trajeto na direção sul mostram uma mudança de relevo: saem os lavrados, formações do tipo savana presentes na região da capital, e entram as matas densas e úmidas da Floresta Amazônica. A mudança não é apenas geográfica. Parte-se de uma região relativamente urbanizada, com a rede de serviços e comércio da capital, para outra centrada na economia madeireira, de colonização mais recente e em franco processo de crescimento. Em comum, ambas expressam as relações tensas entre atividade econômica e meio ambiente presentes em grande parte da Amazônia Legal.

O predomínio de um modelo extrativista na relação com os recursos naturais, com maior presença de garimpo nos lavrados e extração de madeira ao sul do estado, é dominante diante do desconhecimento ou da interdição ao debate sobre formas sustentáveis da exploração desse patrimônio — dos dezenove veículos identificados pelo **Observatório da Imprensa** em Roraima, o único a ter uma editoria especializada sobre meio ambiente é o Correio do Lavrado. Em todos os outros, a cobertura sobre clima, desmatamento e meio ambiente é ausente ou difusa.

Boa Vista (RR) (Ilustração adaptada: Raphael Lorenzeto de Abreu/Wikimedia Commons).

A questão fundiária é o principal foco de conflitos na região, quase sempre envolvendo posse de terra, grilagem e invasão de reservas indígenas para a prática ilegal do garimpo. As populações tradicionais - ribeirinhos e indígenas - vivem da economia fluvial, do extrativismo vegetal e da roça de subsistência, e também são atraídas pelo garimpo. O desmatamento é visto em contraponto à necessidade de emprego e renda e a mudança climática se faz notar com o aumento das queimadas - cobertas pelo jornalismo local na dimensão do combate ou dos efeitos na vida da população, e não das causas. Essa tendência convive com espaços de resistências que se fazem nas próprias mídias tradicionais no estado e outras por iniciativas locais nas redes sociais, principalmente a partir da matriz de cultura indígena.

É na capital, também, que ficam as principais rádios e as retransmissoras afiliadas dos grandes grupos de televisão. Com exceção da TV Tropical (SBT), todas as redes de TV produzem alguns programas locais de caráter jornalístico ou policial — alguns exemplos são as duas edições diárias do *Jornal de Roraima*, da TV Roraima/Rede Amazônica (Globo); *Mete Bronca* e *Cidade Alerta RR*, da TV Imperial (Record); *Roraima Urgente* e *Roraima em Dia*, da Band Roraima (Band).

PINGUE-PONGUE: RAIMUNDO WEBER, PREFEITURA DE BOA VISTA

O secretário de Comunicação de Boa Vista fala sobre o trabalho da prefeitura na divulgação de informações em redes sociais e para as populações indígenas e ribeirinhas.

Existe alguma estratégia da Secretaria relacionada à comunicação com a população em geral - inclusive as comunidades mais isoladas, como os indígenas e ribeirinhos?
Buscamos fazer peças para veiculação nas mídias on e off, com mensagens que alcancem o maior público possível. No caso das comunidades de área rural, indígenas e ribeirinhos, fazemos parcerias com a Secretaria Municipal de Agricultura e Assuntos Indígenas para melhor entender esse perfil de público, sempre valorizando a cultura dos povos e suas limitações de logística e mesmo de acesso a determinados recursos tecnológicos.

Como são alimentadas as redes sociais da prefeitura? Há grupos de WhatsApp, é uma ferramenta usada pela população para pedir informações?
A Secretaria Municipal de Comunicação trabalha no sistema de núcleos. Hoje, possuímos os núcleos de Jornalismo, Fotografia, Redes Sociais, Cerimonial e Relações Públicas, Marketing e Administrativo. A alimentação das redes se dá em dois formatos: o primeiro alinha as campanhas criadas pelo marketing com a linguagem e o dinamismo das mídias sociais e o segundo na resposta efetiva de todos os questionamentos, demandas, sugestões e críticas da população que chegam por esses canais. Neste momento, estamos estendendo nossos serviços de atendimento ao cidadão, 156, para todas as plataformas. É um canal que encurtará distâncias entre a população e a prefeitura. Teremos chats, por exemplo.

Quem controla o que será ou não informado?
Temos o chamado grupo estratégico, que funciona da seguinte forma: chegada a demanda pelos canais digitais, buscamos a resposta de imediato nos arquivos do Núcleo de Jornalismo. Em caso afirmativo, atualizamos o conteúdo e respondemos. Em caso negativo, pedimos à secretaria responsável que nos passe um status atualizado da situação e, depois de análise do grupo estratégico, o material segue para ser encaminhado ao munícipe.

Quais são os desafios encontrados para realizar a cobertura local?
Ao contrário do que muitas pessoas pensam, Boa Vista é uma cidade estruturada e tem todos os canais de qualquer capital brasileira. Somos uma prefeitura que tem como principal lema o planejamento. Gostamos de nos antecipar às demandas, planejando anúncios do chefe do executivo e campanhas em sintonia com a população, tudo o que uma política de comunicação deve fazer.

CORREIO DO LAVRADO

Boa Vista é uma das cidades de maior influência no estado de Roraima. Das estimadas 419.652 pessoas que compõem sua população, 2,98% se autodeclaram indígenas. A capital roraimense é o destino da maioria desses povos, que, segundo o Censo Demográfico 2010 do IBGE, deixam as malocas para tentar a vida nos centros urbanos. Por isso, abordar as causas indígenas tem se tornado pauta importante para diversos veículos locais.

Entre eles está o jovem jornal **Correio do Lavrado**, um nativo digital. Mesmo que a maioria das notícias não aprofunde as discussões, a publicação tem uma editoria específica para ciência e meio ambiente. Muitos textos reproduzem originais de Agência Brasil, Agência Câmara de Notícias, Ministério da Cidadania e *Valor Econômico*. Ou seja, as informações sobre desmatamento e focos de incêndio são levantadas por uma perspectiva que vem de fora da redação — e, não raro, fortalece o discurso do governo federal.

Em janeiro, o jornal publicou um texto com instruções para o descarte correto de materiais como óleo de cozinha e sacolas plásticas ("Descarte incorreto de materiais obstrui rede de esgoto e prejudica meio ambiente", 14/1). É uma matéria detalhada, que entrevista cientistas como fontes primárias. A pesquisa do **Observatório da Imprensa** observou, entretanto, que esse tipo de abordagem não é recorrente no Correio do Lavrado.

Não foram identificadas divulgações de dados sobre desmatamento produzidas localmente. Também notou-se a ausência de fontes locais nas matérias que tratam de casos agrários e crise ambiental. Os depoimentos, nas notícias, delimitam-se a fontes governamentais, geralmente deputados e senadores falando sobre políticas públicas. E discursos de membros do governo Bolsonaro são reproduzidos dentro do portal. Na notícia "Ministério do Meio Ambiente vai criar Secretaria da Amazônia" (10/1), o veículo destaca fala do ministro Ricardo Salles sobre a preservação da Amazônia como uma "necessidade de reconhecer a floresta como uma atividade econômica, que precisa gerar desenvolvimento sustentável e inclusão".

Um ponto que merece destaque é a abordagem de temas indigenistas: o Correio do Lavrado tem publicado notícias sobre as diferentes tribos existentes em Roraima. Durante a pandemia da covid-19, o jornal postou uma série de notícias de utilidade e instrução para os povos nativos. Cabe ressaltar, também, que o veículo cita as etnias — "Vídeos em línguas indígenas orientam como combater o coronavírus" (15/4) menciona os Taurepang Pemon, Wapichana, Yanomami, Taurepang e Ye'kwana.

PINGUE-PONGUE: VANESSA VIEIRA, DO CORREIO DO LAVRADO

Dentre os 21 veículos identificados pelo projeto Ecossistemas de Informação da Amazônia em Roraima, apenas o site Correio do Lavrado possui uma editoria específica para tratar do meio ambiente. Em entrevista, a editora de conteúdo Vanessa Vieira fala sobre o trabalho no portal.

Como o tema "meio ambiente" é tratado no veículo? Existe algum jornalista especializado ou editorial próprio para isso?
Apesar do Correio do Lavrado ter uma editoria de Meio Ambiente, não há um jornalista especializado na área. Portanto, não temos como produzir reportagens mais aprofundadas no tema, tanto pela falta de conhecimento mais profundo no assunto como pelo curto tempo de produção. Por isso, o assunto é tratado de forma genérica, quase sempre divulgando dados de órgãos de pesquisa.

Quantos jornalistas trabalham na redação e como é feita a divisão por editorias?
Dois jornalistas cobrem igualmente as editorias de Poder e Economia, Cotidiano, Saúde e Bem-Estar, Educação, Ciência e Meio Ambiente.

Como vocês abordam os temas de mudanças climáticas e desmatamento?
A partir de dados divulgados por institutos de pesquisa ou organizações não governamentais voltadas aos temas.

Quais são os desafios para a prática do jornalismo local?
O Correio do Lavrado é um projeto independente, idealizado e realizado por dois jornalistas. Por conta disso, a questão financeira - custear os gastos de produção - é um grande desafio a ser vencido, juntamente com as influências políticas partidárias que tentam inviabilizar o trabalho jornalístico independente.

FOLHA 100.3 FM

Criada em 2003 e filiada à rede de rádios Bandeirantes, a **Folha 100.3 FM** pertence ao grupo da *Folha de Boa Vista* e tem uma das maiores coberturas do estado. A programação combina horários informativos, musicais e de entretenimento — os dois principais noticiários são o "Bom Dia Roraima" (6h30) e o "Jornal 100.3" (12h).

Assuntos relacionados ao meio ambiente são abordados de maneira tangencial por meio da participação dos ouvintes, que demonstram insatisfações com problemas locais como falta de energia e de saneamento básico, esgoto e exposição de lixo a céu aberto. Geralmente, os moradores se manifestam por telefone ou mensagens de WhatsApp, pedindo às autoridades que cumpram com suas obrigações e trabalhem para o povo.

A pesquisa do **Observatório da Imprensa** analisou o "Bom Dia Roraima" para saber como a rádio abordou temas de repercussão nacional relacionados ao meio ambiente: a divulgação da reunião ministerial em que o ministro Ricardo Salles, titular da pasta do Meio Ambiente, falou em "passar a boiada" durante a epidemia de covid-19, o grande impacto do aumento de focos de incêndio no Pantanal, em 13 de setembro, e o discurso do presidente Jair Bolsonaro na ONU.

Não houve menção aos dois primeiros fatos. Em 23 de setembro, um dia depois do discurso presidencial na ONU, a rádio reproduziu a fala de Bolsonaro e convidou os ouvintes a se manifestarem: "Eu quero saber de você, a sua opinião, se o governo brasileiro é responsável ou não pelo fogo na Amazônia e no Pantanal. Na sua opinião, o governo brasileiro também é responsável pelas chamas? Ou o Brasil é vítima de desinformação?".

FOLHA DE BOA VISTA

A redação do jornal ***Folha de Boa Vista*** fica no centro do município de mesmo nome, a capital de Roraima. Antes da pandemia do novo coronavírus, quando centrou esforços na versão online, imprimia mais de 12 000 exemplares diários para circular por todo o estado. Também por dia, o site é atualizado cerca de cinquenta vezes e acessado por 60 mil pessoas. São números suficientes para exercer influência considerável sobre a população de Boa Vista, estimada pelo IBGE em quase 420 mil pessoas, ou 70% de Roraima.

Embora Roraima seja o segundo estado brasileiro com maior percentual de território ocupado por áreas protegidas, atrás apenas do Amapá, a *Folha de Boa Vista* ***não tem editoria ou coluna específica destinadas ao meio ambiente ou a conflitos fundiários.*** Os problemas ambientais na Amazônia aparecem mais pela divulgação de políticas de combate, e não com informações sobre as causas e consequências sociais e climáticas dessa crise. Não há aprofundamento sobre os responsáveis pelo desmatamento ou sobre as comunidades afetadas por essas

Mais de um terço dos veículos mapeados têm relação com **nomes tradicionais** da política local.

- A Folha de Boa Vista e a Rádio Folha 100,3 FM pertencem à família de Getúlio Cruz, ex-governador de Roraima.
- A TV Imperial e a Rádio Equatorial 93 FM pertencem a uma filha do ex-senador Romero Jucá.
- A TV Band Roraima e o portal Roraima em Tempo pertencem à mulher e a um filho do ex-senador Romero Jucá.
- A TV Tropical e a Rádio Tropical FM pertencem ao ex-deputado federal Luciano Castro e a Geilda Monteiro Cavalcanti, mulher do ex-senador Mozarildo Cavalcanti.

ações ("Desmatamento da Amazônia cresce 28% em um ano, diz nota", 27/7).

Eventualmente, o assunto aparece nas páginas de opinião. Em 5 de junho, a colunista social Shirley Rodrigues escreveu: "Hoje é o Dia Mundial do Meio Ambiente e o que temos no Brasil é uma devastação histórica das florestas, contaminação de rios com mercúrio, grilagem de terras, desmatamentos, garimpos ilegais, em que se registram mais de 20 mil garimpeiros na Terra Indígena Yanomami". Em 8 de agosto, o articulista anônimo da coluna Parabólica retomou o tema: "A pressão, interna e internacional, contra o governo Bolsonaro em torno da questão ambiental e indígena continua aumentando. Está se transformando num verdadeiro cerco, alimentado por algumas informações corretas — o número de queimadas na Amazônia e no Pantanal tem realmente aumentado — e por ameaças mentirosas arquitetadas por grupos econômicos internacionais".

Pouco mais de um mês depois, surgiu um texto ("Amazônia em chamas...?", 19/9) assinado pelo vice-presidente, Hamilton Mourão, afirmando que há distorção de dados e notícias sobre as queimadas e os focos de incêndio na Amazônia. Foi também o teor adotado por Jair Bolsonaro ao participar da 75ª Assembleia Geral das Nações Unidas, três dias depois. Seu discurso foi copiado e colado em uma notícia com o título "Bolsonaro diz que organizações propagam mentiras sobre queimadas" (22/9). Apesar de diversas agências de checagem do país terem apontado inconsistências na fala do presidente, a *Folha de Boa Vista* não o fez. Com frequência, o jornal reproduz declarações de figuras políticas na íntegra. Não chama atenção para o que é fato ou equívoco e tampouco apresenta dados para aprofundar a discussão dos temas.

Sobre os conflitos fundiários na região, o veículo demonstra disposição para denunciar as ações de garimpeiros e grileiros ("Dois mil garimpeiros buscam ouro em Raposa Serra do Sol", 24/5; "Dois indígenas morrem em conflito com garimpeiros no Alto Alegre", 24/6; "Liminar impede normativa que permite grilagem em terras indígenas", 25/9). Diversas matérias, porém, são republicadas de agências de notícias, como Reuters, Folhapress ou Agência Brasil, ou de outros veículos, como Agência Pública.

MONTE RORAIMA FM — 107,9 MHZ

Mantida pela Diocese de Roraima e pela Fundação Educativa Cultural José Allamano, a **Rádio Monte Roraima** foi fundada em 2002 "a serviço da evangelização, cidadania e educação da sociedade roraimense", como informa no próprio site. A programação local vai das 5h às 22h — no restante do tempo, entra em cadeia com a Rádio Imaculada.

Embora não tenha editoria específica para falar sobre meio ambiente, assuntos relacionados acabam sendo citados no informativo "Monte Roraima Notícias", com edições diárias às 7h30 e às 12h — um dos temas abordados é a violência que povos indígenas, principalmente Yanomami, enfrentam com o garimpo ilegal. Aos sábados, entre 13h05 e 14h55, integrantes do Conselho Indígena de Roraima (CIR) apresentam o programa "A voz dos povos indígenas de Roraima".

Boa Vista concentra a maioria dos veículos mapeados nos dois municípios.

- Nove veículos existem apenas na versão online (incluindo dois blogs).
- Cinco são emissoras de rádio.
- Cinco são emissoras de TV.

Em 2020, dois jornais impressos — *Folha de Boa Vista* e *Jornal Roraisul* — tiveram as edições em papel interrompidas durante a pandemia do novo coronavírus.

RORAIMA EM TEMPO

Surgido em 2015 com uma edição impressa distribuída nos quinze municípios do estado, o **Roraima Em Tempo** existe, hoje, apenas na versão digital. Dentre os veículos analisados em Boa Vista, foi um dos que mais publicou informações relacionadas ao meio ambiente e à crise ambiental do estado.

Sobre desmatamento, foram doze notícias em 2020. A partir de um relatório do Imazon (Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia), por exemplo, a repórter Yara Walker escreveu que "RR é o sexto estado com maior índice de desmatamento em 2020, aponta Imazon" (4/8) e apresentou com detalhes as taxas de degradação. Em relação aos incêndios florestais, publicou uma série de textos dando o panorama da situação e descrevendo as iniciativas oficiais de combate à prática, como "Calendário de queimadas para 2020 será definido de acordo com situação climática" (15/1), "Ministério declara estado de emergência ambiental em Roraima" (22/3), "Operação em áreas da Amazônia Legal terá orçamento de R$ 60 milhões" (11/5) — alguns são assinados por profissionais da redação e outros reproduzem material da Agência Brasil.

Reservas indígenas — como a dos povos Macuxi, Yanomami, Wapichana, Taurepang, Wai Wai e Warao — também são tema de diversas postagens, principalmente sobre o avanço do novo coronavírus nas comunidades. Uma delas reforça o perigo representado pela presença de garimpeiros nas áreas: "Garimpo pode causar genocídio de povo Yanomami por covid-19, alerta instituição à Justiça" (16/7). Em publicação de agosto, o site utiliza dados do Instituto Socioambiental (ISA) e da Organização Mundial de Saúde (OMS) para afirmar que "RR é o sétimo estado do Brasil com maior número de indígenas internados devido a queimadas" (25/8).

Ao longo do período analisado, outro tema regular no Roraima Em Tempo foi a agricultura familiar, presente em matérias como "Agricultura familiar terá mais R$ 1 bilhão para investimento" (30/1), "UERR promove seminário sobre agricultura familiar em Rorainópolis nesta terça-feira" (17/2), "Feira do Pague e Leve da Agricultura Familiar funcionará neste sábado, no bairro São Francisco" (24/4) e "Agro em Campo 2020: serviço itinerante atende agricultura familiar e indígena de RR" (8/12).

RORAIMA 1

Criado no final de 2018, o **Roraima 1** tem sido persistente na cobertura de temas ligados ao desmatamento no estado. Todo mês, são publicados dados que atualizam o avanço da atividade. No início da pandemia, por exemplo, o jornal reproduziu uma matéria da BBC ("Pandemia vai permitir aceleração do desmatamento na Amazônia, diz estudo", 3/5) que chamava atenção para o aumento do problema durante a crise sanitária, destacando a incapacidade do governo federal para frear a situação.

Entre as **redes sociais**, o Facebook tem predomínio sobre Instagram, YouTube e Twitter. Todos os veículos identificados têm conta na rede de Mark Zuckerberg.

- Os veículos de maior popularidade* são, em ordem: *Folha de Boa Vista* (55,1 mil curtidas), Band Roraima (29,4 mil), Boa Vista Já (23,9 mil), Rádio Equatorial (18 mil) e TV Imperial (16,2 mil). *Os dados são de novembro de 2020.*

* A contagem não incluiu a Rede Amazônica, pois as redes sociais da empresa englobam outros estados da região Norte, e a TV Assembleia, que faz parte das páginas e canais da Assembleia Legislativa como um todo, sendo impossível diferenciar o que é específico de cada uma.

São recorrentes as críticas às ações do presidente no que se refere à Amazônia. Texto da agência Deutsche Welle ("Desmatamento na Amazônia chegou a 1.359 km² em agosto", 11/9) cita a insatisfação de ambientalistas com o líder do Executivo: "Pesquisadores e ativistas culpam Bolsonaro por incentivar madeireiros, garimpeiros ilegais e especuladores de terras ao enfraquecer a fiscalização ambiental e defender a mineração e a agricultura na Amazônia como maneiras de desenvolver a economia do país".

Também merece atenção a cobertura que o Roraima 1 vem fazendo sobre o avanço da covid-19 entre as populações indígenas do estado: uma série de publicações atualiza os números de casos e óbitos, reconhecendo a importância de comunicar a pluralidade dos povos. Um texto ("Coronavírus já matou 69 indígenas de seis etnias em Roraima", 10/8), por exemplo, cita os Macuxi, Yanomami, Wapichana, Taurepang, Wai Wai e Warao. E, ao noticiar uma ação de combate à pandemia ("Militares distribuem cloroquina para indígenas de Roraima em ação contra coronavírus", 1/7), o veículo enfatiza, no subtítulo, a inexistência de eficácia comprovada do medicamento em questão contra a doença.

Por fim, a pesquisa do **Observatório da Imprensa** notou que alguns temas-chave incluídos na análise dos veículos para o projeto Ecossistemas de Informação da Amazônia não ganham destaque nas publicações do Roraima 1: meio ambiente, garimpo, biodiversidade, agronegócio, quilombolas, preservação ambiental, mudanças climáticas, energia limpa e renovável e Fundo Amazônia são mencionados poucas vezes, de modo aleatório.

PINGUE-PONGUE: RUBENS MEDEIROS, DIRETOR-EXECUTIVO DO RORAIMA 1

Jornalista afirma que obter dados é um dos maiores desafios para a prática do jornalismo local.

Quando foi criado o Roraima 1?
Em 15 de novembro de 2018.

Quantos jornalistas trabalham na redação e como é feita a divisão por editorias?
Somos quatro, no total. Cumprimos nossa reunião de pauta diária e definimos, naquele dia, quem atualiza o quê. Todos, portanto, lidam com todas as editorias.

Como o tema do meio ambiente é tratado no veículo? Existe algum jornalista especializado, editoria ou orientação editorial específica?
Geralmente damos maior ênfase aos temas ambientais por fazermos parte, geograficamente, da Amazônia. Comumente, a editoria Especiais é atualizada com jornalismo ambiental, já que na maior parte das vezes são temas mais complexos, com mais números, relatos e outras informações. Porém, nada impede que surja algum factual ligado ao tema "meio ambiente" e que o assunto ocupe outras editorias. O garimpo ilegal nas terras Yanomami, por exemplo, vez por outra está em Polícia.

Como são abordados os temas de mudança climática e desmatamento?
Com um olhar amazônida. De quem é ou vive aqui e sabe que o aumento no desmatamento é real. De quem foi formado pela ciência e que acredita nos satélites, nos institutos de pesquisa e nos cientistas.

Quais são os desafios para a prática do jornalismo local?
Obtenção de dados. Na feitura de um material relacionado ao tema "meio ambiente", na maior parte das vezes, dependemos das fontes oficiais, quando não de ONGs. As oficiais nem sempre estão dispostas a divulgar aquilo que o bom jornalismo pede. O desafio é diário, mas creio que não seja somente nesta profissão. Todos aqueles ligados direta ou indiretamente à causa ambiental lidam com grandes obstáculos. A nós, compete resistir para informar.

RORAINÓPOLIS

Com pouco mais de 30 mil habitantes, Rorainópolis não é apenas a segunda cidade mais populosa de Roraima — de acordo com o Inpe, foi também o terceiro município que mais promoveu o desflorestamento no estado em 2019, conforme os últimos dados disponíveis na plataforma Prodes. Jornalistas ouvidos na pesquisa dizem que há grande influência do Pará e do Amazonas na região, o que tem atraído um fluxo de migrantes em busca de trabalho nas madeireiras. Trata-se de uma cidade nova, elevada a município em 1995, mas que já ganha relevância política no estado. Dois senadores eleitos em 2018 têm base eleitoral na região: Messias de Jesus (Republicanos) e Chico Rodrigues (DEM), que ganhou os noticiários em 2020 por ter escondido R$ 33 mil na cueca durante uma operação da Polícia Federal.

Fontes ouvidas no desenvolvimento da pesquisa relacionam a base econômica do garimpo e da exploração de madeira, presentes em Rorainópolis, como fatores que se contrapõem ao discurso ambiental na região. Privilegia-se o ponto de vista econômico, a necessidade de trabalho e renda que funciona como uma espécie de silenciamento dos temas relacionados ao desmatamento e a mudanças climáticas. De fato, em Rorainópolis identificamos apenas um veículo noticioso: o Jornal Roraisul, com uma edição impressa mensal e portal de notícias, que faz a cobertura também de outros sete municípios (Alto Alegre, Caracaraí, Caroebe, Iracema, Mucajaí, São João da Baliza e São Luiz do Anauá).

Rorainópolis (RR) (Ilustração adaptada: Allice Hunter/Wikimedia Commons)

CONSELHO INDÍGENA DE RORAIMA

Como espaço de resistência no estado, merece destaque o **CIR — Conselho Indígena de Roraima**, organização sem fins lucrativos que luta em defesa dos povos originários da região e do país. Em novembro de 2020, sua página no Facebook tinha 10.430 curtidas; no Twitter, a comunidade era menor, com 729 seguidores.

Desde 1990, o CIR atua nas áreas de saúde, educação, cultura, gestão ambiental, promoção social, desenvolvimento sustentável e participação em políticas públicas, "respeitando a organização social e cultural dos diversos povos indígenas do estado". Produz documentários sobre garimpo ilegal, faz transmissões ao vivo a partir de Boa Vista e efetua uma comunicação ativista em defesa das comunidades tradicionais e de uma relação mais sustentável com a terra. É financiado por campanhas de *crowdfunding* e captação de recursos de outras instituições alinhadas com seus valores.

JORNAL RORAISUL

Jornal Roraisul

Para entender como o Jornal Roraisul cobre temas ligados ao meio ambiente e a mudanças climáticas, analisamos publicações entre 1° de janeiro e 22 de outubro de 2020. Por meio do mecanismo de busca oferecido pelo site, foram encontradas publicações com seis dos 26 termos selecionados para análise.

Os termos "garimpo", "meio ambiente" e "desmatamento", por exemplo, só foram citados uma vez e apareceram juntos na mesma notícia. "Operação conjunta apreende aeronave e combustível destinados a garimpo" (25/7) detalha uma ação da Polícia Federal, usa falas de fontes oficiais e aparenta reproduzir informações de algum release. Não aprofunda a investigação sobre as pessoas presas e quais as ligações delas com outros grupos. O termo "preservação ambiental" foi abordado duas vezes. Ambas noticiam operações policiais de combate a crimes ambientais.

Dos veículos identificados, **dezessete** são geridos por organizações com perfil comercial; um por fundação de orientação religiosa católica (Rádio Monte Roraima FM) e dois por empresas públicas (Rádio Roraima AM 590 e TV Assembleia).

O único veículo a ter uma editoria especializada sobre **meio ambiente** é o Correio do Lavrado. Em todos os outros, a cobertura sobre clima, desmatamento e meio ambiente é ausente ou difusa.

Com exceção da TV Tropical (SBT), as redes de TV produzem alguns **programas locais**.

- TV Roraima/Rede Amazônica (afiliada da Globo): *Bom Dia Amazônia*; *Jornal de Roraima 1ª edição*; *Jornal de Roraima 2ª edição*; *Roraima Notícia* (boletim jornalístico durante a programação).
- TV Imperial (afiliada da Record): *Sempre de Bem*, *Mete Bronca*, *Cidade Alerta RR*, *Programa Perfil*. *Sempre de Bem* e *Programa Perfil* seguem a linha do entretenimento/entrevistas. Os outros dois são combinam jornalismo e notícias policiais.
- Band Roraima (afiliada da Band): *Roraima Urgente*, *Roraima em Dia*. O programa *Barra Pesada* é uma produção independente, na linha policial.

UM TEXTO (QUASE) AUTOBIOGRÁFICO SOBRE JORNALISMO NA AMAZÔNIA

POR JÉSSICA BOTELHO, JORNALISTA

Decidi que queria ser jornalista depois de ler *O jornalismo na linha de tiro*, ainda na adolescência, durante o Ensino Médio, como quem começa a tatear o próprio futuro. Resolvi que, como Lúcio Flávio Pinto, autor do livro, dedicaria minha vida profissional a denunciar os algozes da Amazônia. A convicção tinha influência familiar, pois, naquele tempo, tive a oportunidade de ter vivências em movimentos sociais, de participar do Fórum Social Mundial realizado em Belém (ocasião em que vi o presidente Lula discursar pela primeira vez e onde também conheci a organização política de povos e comunidades tradicionais) e de ter acesso a leituras sobre conflitos de terra no estado do Pará.

Assim, em 2009, comecei a cursar Jornalismo na Universidade da Amazônia (Unama), no campus da BR-316 de Ananindeua, na região metropolitana de Belém. E, no mesmo ano, em meio às discussões sobre a obrigatoriedade do diploma, desisti. Não, eu não desisti da profissão — mesmo com a pressão familiar, alegando possíveis dificuldades em uma atividade pouco promissora, "que nem precisa de diploma" —, mas troquei de faculdade.

Em 2011, por meio do Sisu (Sistema de Seleção Unificada), eu me mudei para Manaus e fui estudar Jornalismo na Universidade Federal do Amazonas, onde minha trajetória acadêmica e profissional, de fato, começou.

Com a ideia na cabeça de que cobriria política, me interessava muito entender a conformação sociocultural e econômica da Amazônia como etapa necessária para assimilar as configurações e atuações da política partidária da região. Aprendi que os interesses nacionais ditam os projetos de desenvolvimento para a Amazônia e que, por isso, violam os direitos de povos tradicionais e originários, subordinam a região a uma integração dependente e se baseiam na exploração predatória de recursos naturais. Assim, tive certeza de que investigar os sustentáculos de problemas criados por garimpos, desmatamento e hidrelétricas, entre outros "negócios", era um fator crucial para compreender o jogo político relacionado à Amazônia.

QUAL É O SEU SOBRENOME?

Com o passar dos anos, identifiquei que uma característica da imprensa amazônica é a

> **"UMA CARACTERÍSTICA DA IMPRENSA AMAZÔNICA É A CONEXÃO DE FAMÍLIAS HISTORICAMENTE LIGADAS À POLÍTICA PARTIDÁRIA COM A PROPRIEDADE DOS PRINCIPAIS VEÍCULOS JORNALÍSTICOS NOS ESTADOS DA REGIÃO."**

conexão de famílias historicamente ligadas à política partidária com a propriedade dos principais veículos jornalísticos nos estados da região. Se pararmos para pensar nos grandes veículos, nas emissoras com afiliação às redes nacionais, os sobrenomes saltam à vista, para citar alguns: Barbalho no Pará, Jucá em Roraima e Cameli no Acre. Mesmo sem ter ligação direta com a política partidária, algumas outras famílias também construíram empresas de comunicação e fizeram dos seus sobrenomes as chaves fundamentais para apreender o jornalismo na região. É o caso dos Maiorana, do grupo Liberal, no Pará, e dos Calderaro, do grupo A Crítica, no Amazonas.

"HÁ POUCO ESPAÇO NA IMPRENSA NORTISTA PARA UM JORNALISMO LOCAL CUJO CONTEÚDO SEJA PENSADO A PARTIR DAS COMPLEXIDADES DA REGIÃO."

Nomes e sobrenomes também são velhos conhecidos de blogs. Alguns são projetos pessoais de jornalistas de longa trajetória na cobertura política, como Franssinete Florenzano, de Belém, e Jeso Carneiro, de Santarém, ambos no Pará; outros conseguem estabelecer uma equipe que, mesmo reduzida, aprimora a produção de conteúdo em sites homônimos, como Edilene Mafra e Mário Adolfo, no Amazonas. Também há quem esteja presente como articulista em veículos maiores, sobretudo no segmento opinativo, como Jessé Souza, na *Folha de Boa Vista*, e anteriormente no portal Roraima 1, em Roraima.

PARA ALÉM DO JORNALISMO

Outro tipo de comunicação fundamental para entender os ecossistemas de informação na Amazônia é a popular, produzida no âmbito dos movimentos sociais e organizações comunitárias em diversos tipos de mídia. Essa comunicação, por vezes, dá conta de adicionar as camadas de complexidade necessárias para compreender determinados contextos e também desenvolve estratégias para pautar a imprensa.

Quando fui estagiária do Conselho Nacional das Populações Extrativistas, aprendi que construir um release sobre um projeto da organização passava, antes, por uma leitura de como os veículos jornalísticos tratam questões ambientais. Por exemplo, o acesso da população à água potável é um tema pouco explorado, pois há senso comum de que isso não pode ser um problema na região que carrega o título de maior bacia hidrográfica do planeta. Além deste tema, manejo sustentável, organização social e proteção ambiental foram pautados pela imprensa, como nesta entrevista à afiliada da Rede Amazônica do Amapá, a partir da divulgação institucional do Projeto Sanear Amazônia daquela organização.

As rádios e TVs comunitárias também ocupam um espaço importante no ecossistema de informações da Amazônia. Geralmente ligadas a fundações religiosas ou associações comunitárias, é comum encontrar nesses veículos conteúdos ligados a práticas cristãs (missas e cultos), a exemplo da Rádio Verdes Florestas, em Cruzeiro do Sul, no Acre. Nas capitais, as rádios e TVs comunitárias costumam ter cobertura hiperlocal, em bairros periféricos, como a rádio A Voz das Comunidades que abrange as zonas norte e leste de Manaus.

Na Amazônia, é a comunicação popular que denuncia, relata, organiza e coleta dados necessários para a apresentação de fatos públicos. Por isso, essas iniciativas são importantes fontes de informação para jornalistas da região Norte em pautas ambientais. Para ficarmos em dois exemplos, a Comissão Pastoral da Terra (CPT) produz relatórios anuais sobre conflitos no campo e as publicações são divulgadas na imprensa local onde se concentram as tensões fundiárias (em 2016, no blog Hiroshi Bogéa, de Marabá). Já a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib) tem denunciado atividades que invadem terras indígenas e agravam as mudanças climáticas no país, conforme publicado no *Correio de Carajás*, também de Marabá.

Eu só pude chegar a essa equação que constitui o emaranhado ecossistema de informações da Amazônia a partir de minha experiência como integrante do Centro Popular do Audiovisual (também objeto de estudo de minha pesquisa de mestrado), coletivo de Manaus cuja atuação se baseia na interface entre educação não formal e comunicação como estratégia na defesa dos direitos humanos, e como pesquisadora do Atlas da

Notícia, iniciativa que mapeia veículos jornalísticos em todo Brasil.

A COBERTURA SOBRE MEIO AMBIENTE

Até os dias atuais, persiste certa visão dicotômica sobre a Amazônia (progresso/atraso; exuberância/destruição; patrimônio/fardo etc.), revelando uma perspectiva maniqueísta, carregada de valores exógenos, incapaz de compreender a heterogeneidade da região. Há pouco espaço na imprensa nortista para um jornalismo local cujo conteúdo seja pensado a partir das complexidades da região. Nos processos seletivos para estágios, entendi que o jornalismo local é, majoritariamente, factual (a cobertura diária do cotidiano da cidade com problemas de infraestrutura, agenda cultural, serviços de interesse público etc.).

Em certa ocasião, me foi solicitado escrever um texto sobre a construção da "ponte do bilhão", com 3.595 metros de extensão, ligando Manaus a Iranduba sobre o Rio Negro. Apesar do apelido ser um indicativo de superfaturamento da obra e de corrupção, o texto elaborado por mim recebeu críticas por focar em pontos que não eram relevantes para comunicar a inauguração da ponte naquele ano de 2011, pois ela representaria desenvolvimento econômico local.

Há pouco espaço, mas há. Principalmente nos impressos com editorias específicas, há espaço para reportagens de fôlego relacionadas ao meio ambiente. No entanto, ao longo dos anos, ouvi relatos de colegas de que não havia incentivo suficiente dentro das redações: as prioridades eram outras. Por isso, não é estranho quando jornalistas locais encontram espaço para atuar em veículos fora da região, pautando as questões ambientais num movimento de produção de dentro para fora e de consumo das notícias de fora para dentro.

Um exemplo é Mônica Prestes, que produz muitas reportagens sobre desmatamento na Amazônia, antes no jornal *A Crítica* e atualmente para veículos da grande imprensa, como a *Folha de S. Paulo*. Kátia Brasil e Elaíze Farias também passaram pela redação de alguns veículos cobrindo meio ambiente até fundarem a Amazônia Real, agência de jornalismo pioneira na região, pois subverte a lógica da cobertura onde, nas palavras delas, "em grande medida, apenas escândalos ou assuntos 'exóticos' rompiam o bloqueio das redações, sediadas localmente ou a muitos quilômetros da Amazônia."

O FUTURO DO JORNALISMO NA AMAZÔNIA

Parece-me arriscado — e quem sabe arrogante — apontar exatamente quais ações podem impulsionar um salto de desenvolvimento no jornalismo na Amazônia. Existem alguns caminhos que talvez apresentem novas possibilidades diante do cenário pouco estimulante que vivemos.

Não posso deixar de mencionar os riscos atrelados ao jornalismo local. A vivência do jornalista no contexto das situações reportadas, sem dúvida, representa uma compreensão mais aprofundada dos fatos e indivíduos envolvidos, o que é perigoso quando pensamos numa região cuja história é marcada também por conflitos que resultam em mortes. Assim, não há uma sobreposição de prioridades quando pensamos que segurança física e segurança financeira são requisitos básicos para sobrevivência de profissionais jornalísticos.

Há pouca diversidade de fontes de financiamento dos veículos de jornalismo local na região Norte. Ainda não há, no Brasil, o entendimento sobre a importância de investir no trabalho da imprensa para que a sociedade possa exercer seu direito ao controle social, por exemplo. São muitos fatores envolvidos, que acabam por retroalimentar dinâmicas que comprometem a independência editorial dos veículos.

Sem diversidade de fontes de financiamento, os veículos se sustentam com base em anúncios de entes públicos e/ou privados que, por sua vez, possuem interesses. No âmbito local, principalmente em cidades de pequeno porte, é mais provável que o prefeito conheça o dono do jornal, que o empresariado veja uma página de notícias no Facebook ou um grupo no WhatsApp como uma mídia de anúncios publicitários e é provável que atores como estes tenham ligação com outros negócios conectados a questões ambientais.

"UMA POSSIBILIDADE QUE TEM SE MOSTRADO FRUTÍFERA SÃO AS BOLSAS DE REPORTAGENS, NACIONAIS E ESTRANGEIRAS, SOBRE MEIO AMBIENTE NA AMAZÔNIA."

Uma possibilidade que tem se mostrado frutífera são as bolsas de reportagens, nacionais e estrangeiras, sobre meio ambiente na Amazônia. O Centro Pulitzer, por exemplo, criou um fundo de financiamento e uma rede de jornalismo investigativo exclusivamente sobre "histórias de mudança climática, corrupção e governança nas três principais regiões de floresta tropical do mundo", sendo uma delas a Amazônia — de onde saiu a série de reportagens "A morte anunciada do Rio Teles Pires", elaborada por jornalistas do coletivo Proteja Amazônia.

O tempo, na Amazônia, parece ter outro ritmo. No jornalismo não é diferente, mas existem possibilidades em construção. Acredito que a inovação e a evolução da imprensa na Amazônia venha pelas mãos das novas gerações e com um suporte fundamental das universidades. Por serem ambientes propícios à experimentação, as salas de aulas e laboratórios estão formando profissionais que já encontram a imprensa em ponto de ebulição, em intensa reformulação e cheia de possibilidades com a assimilação da internet nas rotinas de produção e nas narrativas. O projeto Aruanas, da Universidade Federal de Rondônia, se dedica à checagem de fatos e contempla temas como o tráfico de diamantes em terras indígenas.

"ACREDITO QUE A INOVAÇÃO E A EVOLUÇÃO DA IMPRENSA NA AMAZÔNIA VENHA PELAS MÃOS DAS NOVAS GERAÇÕES E COM UM SUPORTE FUNDAMENTAL DAS UNIVERSIDADES."

Não é exagero dizer que, mesmo em meio aos altos índices de desmatamento nas cidades da Amazônia, a juventude há de reflorestar os desertos de notícias. Um exemplo é o município de Rondon do Pará (PA), que não possuía nenhum veículo jornalístico registrado até 2019, segundo a pesquisa Atlas da Notícia. Com a criação do curso de Jornalismo na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, surgiu um portal de notícias (o Rondon Notícias, que inclui um braço de *fact checking*) para prática dos estudantes. Relato das professoras Elaine Javorski e Janine Bargas explica as dificuldades histórico-estruturais da produção jornalística em um deserto de notícias, como "a incipiência da circulação de conteúdo jornalístico na região" e "o alto índice de compartilhamento de informações pela comunidade sem checagem ou trato técnico e ético, que enfraquece a circulação de informações confiáveis; o não engajamento, especialmente de instituições públicas, com os projetos jornalísticos."

CONCLUSÕES

A pesquisa do projeto Ecossistemas de Informação da Amazônia foi feita com o objetivo de responder perguntas-chave sobre a maneira como os veículos analisados divulgam informações sobre meio ambiente e mudanças climáticas. Que imprensa é essa? Quem controla esses veículos? Que conteúdo produzem? Existem editorias dedicadas ao meio ambiente e ao clima?

A partir da apuração de dados sobre 201 veículos nos dezesseis municípios mapeados e da análise qualitativa no conteúdo publicado por 36 desses títulos, foi possível chegar a alguns denominadores comuns.

ACESSO À INTERNET

De todos os meios de comunicação identificados, cerca de 80% têm presença exclusiva na internet, seja por meio de blogs ou portais. Todos, porém, mantêm alguma existência online — nem que apenas no Facebook, a rede social de maior popularidade entre os títulos analisados.

Pesquisadores como a professora Rosane Steinbrenner, da Universidade Federal do Pará, afirmam que, assim como acontece no restante do país, o WhatsApp é uma importante ferramenta de comunicação local. Segundo dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) Contínua de 2018, compilados e divulgados pelo IBGE, 72,1% dos domicílios da região Norte utilizam internet — em 99,6% deles, o aparelho utilizado para acessar a rede foi o telefone móvel celular. De acordo com a Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros, feita também em 2018 pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil, o hábito de acessar a internet pelo celular "é um fenômeno que cresceu especialmente entre parcelas mais vulneráveis da população, como entre usuários de classes e rendimento familiar mais baixos". O mesmo estudo mostra que, dos usuários de internet na região Norte, 71% acessaram redes sociais e 55% leram jornais, revistas ou notícias online.

EDITORIAS SOBRE MEIO AMBIENTE

"A população não tem tempo nem condição de se preocupar com temas ambientais. Imagine, se não conta nem com saneamento urbano!" Quem faz essa afirmação é Lúcio Flavio Pinto, veterano jornalista paraense que atuou por mais de cinquenta anos na Amazônia. Autor de quase trinta livros sobre a região, foi premiado pelo *Committee to Protect Journalists*, em 2005, com o *International Press Freedom Awards* por seu trabalho em defesa da Amazônia e dos direitos humanos. Em 2018, deixou de publicar o *Jornal Pessoal* — veículo que mantinha sozinho, sem aceitar publicidade —, mas continua colaborando com sites como o Amazônia Real.

De fato, a maior parte dos títulos analisados para o projeto Ecossistemas de Informação na Amazônia não dedica nem mesmo uma editoria específica ao tema. Notícias sobre desmatamento, queimadas, garimpos e grileiros, por exemplo, podem aparecer em seções variadas, como Geral ou mesmo Polícia — muitos veículos limitam a cobertura dos assuntos ambientais às operações policiais que apreendem madeira ilegal ou tentam prevenir incêndios na floresta.

A exceção encontrada foi o site Correio do Lavrado, de Boa Vista (RR). Mas embora tenha uma editoria própria para veicular matérias sobre meio ambiente, a maioria das notícias não aprofunda as discussões e apenas reproduz textos escritos originalmente por Agência Brasil, Agência Câmara de Notícias, Ministério da Cidadania ou *Valor Econômico*, entre outros. Ou seja: as informações sobre focos de incêndio ou desmatamento são levantadas por uma perspectiva que vem de fora da região e, não raro, fortalecem o discurso do governo federal.

JORNALISMO POLICIAL

Não são poucos os veículos pesquisados que investem em conteúdo policial ou sensacionalista. No Acre, um dos títulos de maior sucesso nas redes sociais é o site Ecos da Notícia, com mais de 130 mil curtidas no Facebook, que explora matérias sobre assassinatos e operações das polícias Militar e Federal. Em Belém, no Pará, o tabloide *Amazônia* — do mesmo grupo que publica o jornal *O Liberal* — está cheio de notícias que falam

de estupro, sequestros e execuções. Principal concorrente de *O Liberal*, o *Diário do Pará* não fica atrás. "É como se fosse o IML impresso", compara o jornalista Lúcio Flavio Pinto, referindo-se ao Instituto Médico Legal.

Também na TV essa característica fica evidente. Todas as emissoras ligadas à rede Record, por exemplo, produzem versões locais do programa *Balanço Geral*, com viés popular e policialesco: *Balanço Geral Manaus*, *Balanço Geral AC*, *Balanço Geral Pará* e *Balanço Geral RR — Edição de Sábado*. Em Boa Vista, a Band Roraima exibe o independente *Barra Pesada*, que segue a mesma linha editorial.

A PRESENÇA DOS RELEASES

Em notícias relacionadas ao meio ambiente e às mudanças climáticas, a prática de utilizar releases escritos por assessorias de comunicação, como as de órgãos governamentais, é recorrente entre os veículos analisados. Com frequência, o mesmo texto aparece publicado em diversos sites, portais e jornais sem que uma única vírgula do original tenha sido modificada. Em julho de 2020, quatro títulos do Acre noticiaram uma ação policial para reprimir desmatamento ilegal, invasão de terras públicas e condições análogas à escravidão por meio de um release escrito pela Assessoria de Comunicação da PF. "Polícia Federal deflagra Operação contra crimes ambientais e trabalho escravo em Boca do Acre" apareceu, de maneira idêntica, no Juruá em Tempo, no Jornal Opinião, na Folha do Acre e no Ecos da Notícia, o único a indicar a autoria correta. Outras vezes, os sites e blogs atribuem a "apuração" da notícia à fonte do texto original. Em "Gladson Cameli e líderes indígenas discutem demandas apresentadas ao estado", o Juruá em Tempo assina o texto "Com informações da Agência de Notícias do Acre". Palavra por palavra, porém, o conteúdo é idêntico ao que aparece no site da própria Agência.

Outro exemplo: em Manaus, embora diversas postagens do Portal do Amazonas sejam assinadas pela equipe editorial do veículo, boa parte dos textos é produzida por assessorias de comunicação e veiculada em dezenas de outros sites locais — é o caso das notícias sobre a Assembleia Legislativa do estado e a Câmara Municipal da cidade. Mas o "copia e cola" funciona também com matérias apuradas e escritas por outros títulos, como os portais noticiosos G1 e UOL, as agências Folhapress e Pública, os jornais *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *O Globo* e *Valor Econômico*.

Na imprensa amazônica, quase nada se cria e quase tudo se copia.